

ARABÊSCOS.

BAM

869.91

F224a

VERSOS E PROSA.

REGISTRO BIBLIOTECÁRIO

Seção Obras Raras

Nº. 1083

Data 07 / 03 / 1974

POR

EUCLYDES FARIA.

ORA

869.9

F224a

As Colheitas de

Arthur Azevedo

Cardinal

Collecção Artística

Arthur Azevedo

Estado do Maranhão.

MARANHÃO.

1875

DEDICATORIA.

MINHA BOA MÃI.

Nada mais grato ao coração de um filho do que a solemne manifestação do seu amor e respeito, para com aquella que lhe deo o ser.

É por isso que, publicando hoje alguns escriptos meus, dedico-os a V. Me., como uma prova do muito que lhe devo, pelos seus desvelos e carinhos para commigo.

Si por ventura tenho encontrado alguns cardos e espinhos no caminho da vida, o perfume santo das flores do coração materno me tem adoçado a existencia e feito esquecer esses amargos dias, como si nunca os houvera passado.

Devo-lhe, pois, mais que a vida; e na falta absoluta de outro meio, que justifique o meu reconhecimento, peço-lhe que accete o presente livro, não pelo que elle vale, mas como um publico testemunho do grande amor que lhe consagra o

Seu extremoso filho

EUCLYDES.

2 de outubro de 1875,

Colection Artística
Arthur Alameda

Collecção Artistica

Arthur Azevedo

Estado do Maranhão

À QUEM QUIZER LER.

Aqui estão meus versos.

Antes de tudo convem que se saiba que não os publico á pedido de alguns amigos, como sempre diz a maior parte d'aquelles que se abalançam a estas empresas.

Não; eu sou franco.

A franqueza foi sempre a minha divisa, e é talvez por isso que muita gente antipathisa commigo.

Paciencia; a verdade sempre acarretou inimigos.

O mundo está tão cheio de homens hypocritas, que eu prefiro soffrer a odiosidade delles, a ter de estudar um gesto para corresponder ao sorriso traiçoeiro, com que alguns se nos apresentam, por occasião de nos apertar a mão.

Pensando deste modo, talvez me afaste da regra geral, que caracteriza o nosso seculo, mas tenho convicção de que a lepra da desmoralisação social ainda não abrangeo a totalidade da especie humana, e que, por fim de contas sempre terei a meu lado alguns sectarios das minhas idéas.

Tomando a resolução de publicar meus escriptos, não me cegou nem a vaidade de consideral-os de grande

merecimento, nem tão pouco a pretensão de obter com elles o juizo laudatorio da imprensa.

A imprensa, meu leitor, tem ultimamente descido tanto na nossa terra, que o homem deve se considerar feliz quando cãe no esquecimento della.

A luta das paixões, gerada pelo espirito ambicioso da natureza humana, na vertiginosa manifestação de suas idéas, tem reduzido o grande tribunal da imprensa a um lastimoso estado de aviltamento, incompativel com a propaganda do progresso, que domina a actualidade.

Do elevado pedestal, onde foi collocado tão gigantesco invento, tem elle descido ao terreno em que fecundam os germens da mais inqualificavel prostituição, e onde a luz da civilisação se apaga aos primeiros sôpros de uma atmospha impura.

Desta lamentavel transição, pouco lisongeira para a supremacia do seculo, nasceo o total indifferentismo á voz da imprensa e a incredulidade de algumas verdades, que, felizmente, ainda apparecem no meio desta ruina, protestando contra a doutrina pervertida do jornalismo contemporaneo.

Quando o tribunal, que tem por encargo advogar os interesses sociaes, tem sido a este ponto corrompido pelo abuso da palavra, por mais robustas e vehementes que sejam as idéas apregoadas por um ou outro pampeão isento do contagio destruidor, são sempre recutadas como filhas de um interesse proprio, ou como oriundas de um servilismo desmarcado.

D'ahi a incifferença do auditorio e o esmorecimento do orador.

Nos primitivos tempos, quando a imprensa só traduzia as vistas beneficas de um governo, ou os interesses vitaes de um povo, a sua voz era o clarim que impunha silencio ás turbas desenfreadas, ou a mão protectora, que guiava o ignerante nas trevas da vida social.

Hoje a sua missão acha-se desvirtuada. Os mais solidos principios, as verdades mais incontestaveis perdem a força moral da logica, em que se firmam, si por

ventura a sua revelação se opéra pela voz da imprensa degenerada.

Em quanto os operarios do progresso material estudam e aperfeiçoam o mecanismo destinado a traduzir os fructos do genio, os campeões da escola moderna se occupam com a obra da destruição moral, legando ao esforçado artista a mais deploravel recompensa !

Ha quatro seculos, na éra em que a luz da imprensa espalhava pelo velho mundo os seus primeiros raios, reproduzindo em caracteres de madeira as palavras da *Biblia das quarenta e oito linhas*, o povo de Mayence erigia um monumento ao nome de GUTENBERG, e mais tarde na praça de Strasburg se elevava a estatua do grande homem perpetuado em marmore.

Hoje que a civilisação impéra com todo seu esplendor e que a ignorancia do passado serve de lenda epigrammatica na escola do novo mundo, o jornalismo é o primeiro a depôr a penna persuasiva e propagadora da ordem, substituindo-a pela espada destruidora, que promove a discordia no seio da sociedade !

O bem publico e a educação dos povos são postos á margem, e a vida privada serve de pasto aos animaes bravios, que se chafurdam na lama da imprensa !

Eis o que é, com raras excepções, o jornalismo dos nossos dias.

Por conseguinte, que favor pode resultar de uma fonte tão degenerada ?

Ja se vê que não foi a ambição de ver os meus escriptos bafejados pelo thuribulo da lisonja que me levou a dar-lhes publicidade. Conheço tanto o pouco valor d'elles como a falta de sinceridade d'esses elogios.

Isto posto, perguntar-me-hão qual o motivo então da minha resolução.

Eu lhes digo:

Quando os prelos tem sido incommodados por um enxame de publicações, a maior parte das quaes sem o minimo merecimento, quer se attenda á natureza do assumpto, quer á forma material de sua exposição; quando o pó dos archivés vai sendo todos os dias revolvi-

do pela accumulacão de novos volumes. que, á despeito de sua nullidade, vão apparecendo á luz da imprensa, como partos gigantescos, apregoados por grande numero de opiniões *imparciaes*; seria uma injustiça a meus olhos ver esquecidos e abandonados no fundo de uma gaveta alguns trabalhos, que fiz nas horas em que o descanso me convidava a desenfasiar-me do entorpecimento de uma vida enfadonha e sedentaria.

Não sou tão vaidoso a querer persuadir-me de que esses escriptos tenham grande merecimento: mas tambem a modestia não me leva ao ponto de suppor que elles valham menos do que muitos outros, que tenho visto e para cuja publicacão tenho concorrido com minha assignatura, sem todavia até hoje me animar a lê-los.

Alem de que, Alexandre Herculano disse que *não ha lauda impressa que não tenha o seu merecimento.*

E si isto é assim; si cada um tem o direito de dizer o que sente e de fazer o que quer, porque razão hei de eu conservar-me na expectativa?

Não; o publico que tenha paciencia---ahi vão meus versos.

O que posso garantir é que não devo a ninguem o favor de concertal-os.

Será isto orgulho?

Talvez; mas eu prefiro o epitheto de orgulhoso á vergonha de ostentar-me com as pennas do pavão.

Bons, ou máos, são meus; e si me provarem que fiz uma grande asneira, consolar-me-hei com a lembrança de que muita gente boa tem feito outras maiores.

Eu sei que a numerosa phalange dos zoilos hade feril-os com seus botes pestilentos.

Não imperta. Quando nas praças publicas o cão nos accomette e nos quer morder, afastamo-nos silenciosos e deixamos aos moleques o encargo de corrigil-o á pedradas.

Aos homeas, porem, que se dignarem prestar-me a critica judiciousa, que resulta de uma apreciação sensata, curvo-me reconhecido e agradeço-lhes de todo meu coração.

~~~~~

Si alguns ainda entenderem que os escriptos que eu classifiquei de *-versos-* não teem direito a esse qualificativo. façam de conta que eu não disse semelhante cousa, e leiam como prosa. que eu não faço questão do nome.

EUCLYDES FARIA.





## DEUS

(AO PADRE RAIMUNDO ALVES DA FONSEGA.)

I

## JERUSALEM.

Fili hominũs, notas fac Jerusalem abominaciones suas.  
EZECHIEL—CAP. XVI—V 2.

Sobre quatro collinas gigantescas,  
Entre *Acra* e *Sion*, no meio do valle,  
Chorando o desamparo de seus filhos,  
Como mãi desolada, sem conforto,  
Se vê *Jerusalem*, outr'ora *Jebus*,  
Quando da Promissão a terra santa  
Os filhos de Israel firmes pizaram.

Alli se ergueo altivo e magestoso  
De Salomão o templo admirado,  
Como das artes filho predilecto;  
De David o palacio augusto e regio,  
Cuja prisão, de abobadas coberta,  
Parece repetir ainda os échos  
Da voz de *Jeremias*, que predice  
A miseranda perda da cidade.

Na encosta de *Sion*, como um phantasma,  
 Que se levanta lugubre, soffrendo  
 Os remorsos crueis de um crime horrivel,  
 Se descobre a fachada ennegrecida  
 Do tribunal profano de Pilatos.  
 Si o triste peregrino pára e entra  
 Nessa morada outr'ora de delictos,  
 Á contemplar dos seculos caducos  
 A marcha que destróe as opulencias  
 E faz cobrir de relva os monumentos,  
 Verá erguer-se firme entre os horrores,  
 No solo de lagêdo, uma columna,  
 Salpicada de sangue, onde Jesus  
 A tortura soffreo de mil açoites !

—Ah ! suspende, christão, curva essa fronte,  
 Beija o pó dessa terra humedecida  
 Pelo sangue do justo agonisante !  
 Olha naquella pedra essa legenda,  
 Que recorda o lugar do desalentó  
 D'uma mãe dolorosa ao ver seu filho,  
 Sob o peso da cruz, cahir oppresso.  
 Ouve os échos da voz daquelle Filho,  
 Que no triste silencio do deserto  
 Parecem repetir o—*Salve Mater*—,  
 Como o som d'uma lyra em triste carne !

—Caminha mais ao norte, olha á direita,  
 Óbserve essa terra inda calcada  
 Pelo corpo de Lazaro sem vida !  
 Repára mais alen. aquelle morro,  
 Onde se erguia pobre, humildemente  
 A triste habitação de Berenice,

Piedosa mulher que o rosto Santo  
Teve, por gratidão, de sangue impresso !  
Olha aquelle edificio: alli Pilatos,  
Assomando á janella, disse ás turbas,  
Indicando Jesus,—*Ecce Homo*—!

Na parte occidental, entre penhascos,  
Onde a relva não cresce e tudo é triste,  
Onde a figueira brava apenas móve,  
Do meio dia ao vento, as folhas negras;  
Onde o silencio lugubre do dia  
Semelha a solidão da sepultura,  
(Habitação final da humanidade)  
O *Golgotha* fatal surge, apparece,  
Como sphynge de barro, tinta em sangue !

Alli tudo morreo, é tudo trevas !  
Os échos dos rochedos já são mudos !  
A viração da tarde corre lenta,  
Morna, silenciosa e abafada,  
Como no pôr da vida sae dos labios  
O suspiro final de um moribundo !  
Na fralda da montanha não se escuta  
O marulho da fonte, que derrama,  
Sobre o leito de relva, as frescas aguas;  
Nem se ouve o concerto harmonioso,  
Do cantico das aves matutinas !  
A propria natureza estremecida  
Cobre de luto as vestes da manhã,  
E surgem, como sombras merencorias,  
Dos abysmos da noite as nuvens baças !

## II

## CONSUMATUM EST.

Jesus autem emissâ voce magna expiravit.

S. MARCOS CAP. XV—V 37

Era a hora da sêsta. O sol tombava,  
Mergulhando seus raios luminosos  
Nas aguas do *Jordão*, que se deslisa  
No seio do *Mar Morto* e lá se perde.

Junto á porta do fêro tribunal  
Meneia o povo as lividas cabeças;  
Augmenta a confusão, cresce o tumulto;  
Ouvem-se ao longe os échos da trombêta  
E o metálico som das armaduras.  
Esse mar de cabeças se enfurece,  
Bramindo furioso, como ao vento  
De feroz tempestade a onda geme  
Nas pedras do rochedo junto á praia!  
Os algozes fataes soltam do peito  
Lugubres sons de raiva reprimida:  
Batêm seus dentes humidos de espuma,  
Como do tigre as fauces sequiosas  
No <sup>o</sup>banquete de sangue junto á prêsa!

De repente um clarão surge nas trevas,  
Dourando os êlmos d' aço e os morrião

De luz se cobre o cume das montanhas...  
 Revestem-se de fogo os campanarios...  
 Solta a trombêta sons assustadores...  
 Abrem caminho os perfidos algozes...  
 Gargalha a multidão... e Jesus passa !

Que barbaros, meu Deus, que scena horrivel!  
 No meio desses grupos aguerridos  
 Caminha vacilante a Magestade,  
 Pendido o rosto augusto e venerando,  
 Como a flor que fenece ! A fronte humilde  
 Derrama, como orvalho sobre o lyrio,  
 Gôtas de sangue de crueis espinhos,  
 Que vão morrer nas faces descoradas,  
 Onde imprêso ficou o beijo infame !  
 Nos labios divinaes despona um riso,  
 Que traduz o perdão da crueldade,  
 Como no despertar da primavera  
 Desabrocha a açucena á beira d'agua.  
 Nos descarnados hombros sobrepeza  
 Gigantesco madeiro, que tres vezes  
 O corpo enfraquecido e magoado,  
 Por excesso da dôr, lançou por terra !

No meio destes trances dolorosos  
 Nova dôr lhe tortura o imo d'alma,  
 Mais cruel, mais profunda e mais pungente !  
 Ergue a fronte da terra... a dôr augmenta...  
 Um lampejo de luz brilha em seus olhos...  
 Quer caminhar... vacila... treme... e pára...  
 Um vulto a soluçar lhe tolhe os passos...  
 É uma sombra livida que chora...  
 É de mulher o vulto que soluça...  
 É Maria... é sua Mãe... Que triste encontro!..

- « Vinde, filhos ingratos da Judéa,  
 « Completai vossa obra de exterminio;  
 « Cravai neste meu peito os vossos ferros...  
 « Bebei todo o meu sangue... eu vos bendigo.  
 « Exultai de prazer com meus lamentos,  
 « Mas não roubeis a vida de meu Filho!  
 « Contemplai um momento aquelle rosto  
 « Cheio de magestade e de belleza,  
 « Onde a maldade abrigo nunca achou;  
 « Vêde como atravez das dôres d'alma  
 « Brilha tanto esplendor naquelles olhos!  
 « Poupai a vida delle, eu vos supplico...  
 « Vós tendes uma mãe... pois bem, por ella,  
 « Vos imploro humilhada a piedade!  
 « Consultai um momento a natureza  
 « E vêde si no peito dos humanos  
 « *Ha uma dôr igual á minha dôr!* »

Foram vozes perdidas no deserto  
 Estes justos lamentos de Maria!  
 A fatal prophecia hade cumprir-se...  
 O sangue de Jesus vai derramar-se,  
 Lavando a culpa atroz de seus algozes!

O corpo Sacrosanto é reduzido  
 Á mais cruel nudez! Os duros cravos  
 Rasgam sem piedade as mãos benditas,  
 E nos áridos cumes dos rochedos  
 Echôa do martello o som pezado...  
 E Jesus não profere um só lamento!

Da morte o instrumento se levanta...  
 O povo se amotina... O Céu negreja...

A natureza inteira se horrorisa . . .  
 A virgem Mãi succumbe e desfallece . . .  
 E a triste Magdalena arrependida  
 Cáe com a fronte no pó, banhada em pranto,  
 N'um abraço cingindo os pés da cruz !

E o sól descambava á pouco e pouco . . .  
 Jesus descerra os labios . . . ergue a fronte . . .  
 Encára os seus verdugos, compassivo . . .  
 E n'um suave enlevo implora á Deus  
 Ô perdão dos culpados:—« Oh ! meu Pai !  
 « Perdoa-lhes seus crimes . . . Tu bem vês  
 « Que não conhecem o mal que agora fazem ! »

Quanta sublimidade n'esta morte !  
 Que resignação no soffrimento !

Sôa a hora fatal . . . chega o momento . . . !  
 A victima na cruz mais resplandece . . .  
 Das chagas corre o sangue em borbotões . . .  
 Lança um ultimo olhar á natureza . . .  
 Solta um longo suspiro . . . e outro . . . e outro . . .  
 E . . . mais nada . . . morreu ! . . .

No mesmo instante  
 Rasgou-se d'alto á baixo o véo do templo ! . . .  
 A terra estremece . . . Os duros mentes  
 Fenderam-se n'um grito de agonia . . .  
 Da sepultura ergueram-se os finados . . .  
 A guarda recuou cheia de assombro . . .  
 No espaço rolou a tempestade . . .  
 Deslocou-se do leito o mar bramindo . . .  
 E o Filho de Deus, curvando a fronte,

Deixou rôlar nas faces maceradas  
 Uma gôta do pranto compassivo.  
 Que foi cahir no seio estremeado  
 Da desolada Mãi ! . . .

.....

Tudo acabou-se ! . . .

.....

—Ja viste alguma vez, christão, nas trevas  
 D'uma noite sombria e melancolica  
 Surgir, como um phantasma dos abysmos,  
 A chamma vaporosa d'uma alampada,  
 Que véla junto á beira de uma tumba,  
 Bafejando de luz um rosto pallido ?

—Ja viste por detraz d'um velho templo,  
 Onde a herva entrelaça as folhas humidas  
 Nos capiteis quebrados em ruinas,  
 Sumir-se vagarosa a luz angelica  
 Da lua, que se esconde tristemente ?

—Ja ouviste uma vez o som monotono  
 Do campanario lugubre, que chora  
 A perda de uma vida sobre um tumulo,  
 Ir despertando os échos adormidos  
 De solitarias, gelidas abobadas ?

—Ja sentiste no peito a dôr intensa  
 De ver fechar, morrendo, os olhos languidos,  
 No seio de uma mãi, um filho caro,  
 Em cujo rosto brilham, como perolas  
 No cõllo d'uma virgem, as frias gôtas  
 Do pranto, que, sentido, cae das palpebras ?



Si algum destes momentos já passaste,  
 Com a fé no fundo d'alma e Deus na mente,  
 Tens a copia fiel daquelle quadro !

.....

## III

## RESURREXIT.

*Non est hic: surrexit enim, sicut dixit, venit et  
 videt locum ubi positus erat Dominus.*

S. MATHEUS CAP- XXVIII—V 6

Envolto em santo mysterio,  
 Como a luz d'um cemiterio,  
 Jazia um leito funereo,  
 Sob pezado lagêdo;  
 Tinha o perfume das flores,  
 A candidez dos amores,  
 As amarguras das dôres,  
 A doce paz do segredo,

A luz diurna tombando  
 Foi seus raios occultando,  
 Novas sombras derramando  
 Sobre a terra da Judéa:

Em quanto alli, sem conforto,  
Na soledade do horto,  
Dava asylo ao Homem morto  
O filho de Arimathéa.

Guardando a triste morada  
Velava sempre postada  
De Cesar a gente ousada  
Junto ao leito mortuario;  
Esse indomito inimigo  
Temia, como perigo,  
Ver acordar do jazigo  
O miserando Sudario.

Tres vezes a luz d'aurorá,  
Dos altos Ceos onde mora,  
Como uma virgem que chora,  
Pranteou a Divindade;  
Tinha chegado o momento,  
Em que, após o soffrimento,  
Às glorias do firmamento  
Subiria a Magestade.

.....

o Por entre nevoas pezadas,  
o De rubras côres franjadas,  
o Súr-giam nuvens douradas,  
o Como do sol mensageiras:  
A briza em brandos afagos  
Fazia leves estragos  
Na superficie dos lagos,  
Nas folhas das oliveñas.

O véo da noite sombria,  
Cedendo lugar ao dia,  
No occidente cahia,  
Occulto atraz de *Sion*;  
E os duros, féros semblantes  
Dos rochedos arrogantes  
Se desenhavam gigantes  
Sobre as aguas de *Cedron*.

Entanto, o anjo celeste,  
Que branca roupagem veste,  
À terra baixando preste,  
Abre a campa ao Corpo Santo;  
E do sepulchro pesado,  
De graça e luz rodeado,  
Da morte resuscitado,  
Surge o Vulto Sacrosanto !

E o mundo exulta risonho,  
Rasgando o crepe medonho,  
Que sepultava tristonho  
A face da terra ingrata;  
O céu se traça de gala,  
A rocha o tremor abala,  
A tempestade se cala,  
E o mar se veste de prata !

No throno celeste, immenso,  
Se desdobra um véo extenso  
D'ethereas nuvens de incenso.  
Entre flores immortaes:

Descem á terra as harmonias  
 Das festivas alegrias,  
 Que no empyreo de Elias  
 Cantam psalmos divinaes !

.....

E resurgio dos mortos, como disse !  
 Foi cumprida a missão.

A sombra ingente  
 Da redemptora cruz, transpondo os mares  
 E devassando as regias potestades,  
 O sanguinario drama rememora !  
 Na sepulchral ruina do passado,  
 Entre os gelidos vultos dos rochedos,  
 Curva Jerusalem a fronte altiva;  
 E o triste peregrino quando passa,  
 Pisando o sólo ardente e resequido  
 Pelo fogo do céo, escuta ao longe,  
 Nos alcantis da serra, o grito d'alma  
 Da cidade maldita !

O Santo Espirito,  
 Illuminando as trevas da cegueira,  
 Suas luzes espalhou por sobre a terra !  
 Da palavra do Verbo a lei formou-se,  
 E do filho da pobre Galiléa  
 Fez-se da nova igreja a Pedra Santa !

No céo brilha essa luz, que a terra aclara,  
 Cheia de resplendor. Curva-se o homem  
 Á voz de *Jehovah*, que ao mundo falla,  
 Que é Fonte de saber, de graça infinda,

Que é um Sêr infinito e sempiterno,  
Que é Poder immortal, é Rei Supremo,  
É Homem, é Pai, é Filho, é tudo, é—DEUS !

Março—26—1874.



# LEMBRAS-TE?

## I

Quando a manhã desdobra o manto côr de palha  
E o sol surgindo espalha a luz da phantazia;  
Quando o cantor do bosque a natureza acorda  
E vibra dôce a côrda a meiga poesia;

Quando entre nuvens d'ouro o dia empallidece  
A luz em que fenece a estrella derradeira;  
Quando o silencio corta o marulhar da fonte,  
Que atira sobre o monte as aguas de carreira;

Quando na praia geme a onda preguiçosa,  
Rojando vagarosa o cóllo pela areia;  
Quando em suspiro mórno a briza que madruga  
A superficie enruga ao rio, que serpeia;

Recordo então saudoso a febre delirante  
Daquelle louco instante em gôso nos teus braços.  
Parece inda que sinto o sôpro do teu beijo,  
Fartando-me o desejo... em fêrvidos abraços!

Parece-me que soffro o choque convulsivo  
Do teu olhar lascivo e prestes a morrer?...  
Eu sinto como louço os magicos effeitos  
Dos trinos de teus peitos em ondas de prazer!...

Oh! como era tão bella a tua têt de neve  
Roçando-me de leve os labios inda quentes!  
Meu peito era de fogo... e o teu se electrizava  
Na chamma que excitava os oseculos frementes...

Após o goso, então, de lagrimas banhaste  
Meu seio que apertaste em languida vertigem;  
E o pranto humedecia as petalas mirradas  
Das flores arrancadas á tua corôa virgem!

## II

E o tempo se passou, foram-se os annos,  
Teu riso se findou, seccou-se o pranto,  
Em gêlo se tornou teu peito amante  
E fugiste de mim, que te amo tanto!

Oh! não sejas assim; ouve-me, attende  
Ás loucas expressões do meu delirio;  
Dize só uma vez que inda me amas  
E dá-me assim a palma do martyrio.

Mas si tudo acabou, si me esqueceste,  
Si de ver-te não tenho a esperança,  
Consente, como alivio ás minhas maguas,  
Que tenha teu passado na lembrança!

## MINHA PATRIA.

Como é doce em minha terra,  
Quando o dia se levanta  
Admirar-se na planta  
A fria gôta de orvalho !  
O vento balouça o galho,  
Onde a flor desses verdores  
Despede gratos olores  
Ao correr da viração.

O sol surgindo entre os montes,  
Como o crystal nos rochedos,  
Vai dourando os arvoredos,  
Que a minha terra produz:  
E cada raio de luz,  
Que penetra na folhagem,  
Faz matizar a plumagem  
Do mimoso passarinho.

Neste sorriso da aurora  
O *Rouxinol* mavioso  
Desprende um canto saudoso  
No galho da *pitombeira*;  
Entre os troncos da palmeira  
A *Pecuapá* escondida,  
Solta uma queixa sentida,  
Que desperta o caçador.



Por sobre um lençol de areia  
Corre manso o doce rio,  
Cujo brando murmurio  
Semelha os queixumes d'alma:  
E dos coqueiros a palma,  
Debruçada sobre a margem,  
Desenha a verde ramagem  
Nessa téla transparente.

À tarde correndo os campos,  
Sobre a verdura do prado,  
Tange o pastor o seu gado,  
Ao som de sentido canto;  
E quando da noite o manto  
Se estende ao correr da briza,  
O Céu de luz se matiza,  
Como o prado em primavera.

Então a lua se mostra  
Do brilho tocando a méta,  
Despertando no poeta  
Um pensamento de amor;  
A rosa esmorece a côr,  
O lyrio logo desmaia,  
E a branca espuma da praia  
Veste seus frócos dourados!

○ Allí a vida é mais viva,  
Ha mais perfumes nas flores,  
São mais puros os amores,  
Mais risonha a natureza;  
Na mulher ha mais beizeza,  
Nos seus olhos mais ternura,

No seu riso mais doçura,  
Na sua voz mais harmonia.

É uma terra de encantos,  
Onde com garbo e coragem,  
Solta o gentio selvagem  
O grande grito de guerra;  
O sangue roja na terra,  
Mas a honra e a valentia,  
Supplantando a cobardia,  
Fazem a nobreza da tribu.

E quando o filho das selvas,  
Lá no meio das florestas,  
Veste a roupagem das festas  
E canta ao som do *boré*;  
Vê-se o *Tuxáua* de pé,  
Salta alegre o *Culumín*,  
Ferve na *taba* o *cáuim*,  
Que excita o prazer na dança.

E em quanto o gentio  
Na verde espessura  
Festeja a bravura  
Dos feitos passados;  
Os nossos soldados,  
Por entre metralhas,  
Vão dando batalhas,  
Cobertos de gloria.

E a virgem formosa  
Vestid<sup>o</sup> de galas,  
Na dança das salas

Meiguice revela:  
E as lagrimas d'ella,  
Na dôr dos pezares,  
Provoca os cantares  
Dos nossos poétas.

O cantico alegre  
Dos hymnos da igreja  
No templo festeja  
De Deus a nascença;  
E a fêrvida crença  
Do povo da terra  
Das almas desterra  
Temores fataes.

Na regia cadeira  
Do throno sentado,  
Monarcha illustrado  
Dirige a Nação;  
E o verde pendão  
Coberto de gloria  
Resume a historia  
De um bello paiz !

.....

Minha terra assim formosa,  
Cercada de resplendores,  
É meus unicos amores,  
Minha estrella fascinante;  
Nem um sorriso de amante,  
Nem ternos, sentidos cantos,  
Me são mais caros, mais santos,  
Que o nome do meu Brazil !

# A TEMPESTADE

E A

VIRGEM.

I

Turva-se o céu ! Nas regiões do vento  
Corre sedento o mais voraz tufão;  
A lua a face no rochedo esconde,  
E além responde o gemedor trovão !

O mar immenso, n'um medonho esforço,  
Levanta o dorço com dorido ronco,  
Alli no bosque a tempestade falla,  
E o cedro estala o envelhecido tronco !

A noite rasga o prateado véo,  
Cobrindo o céu de funerario manto;  
As nuvens todas como que fallecem,  
E as aguas descem, como corre o pranto !

Por entre a relva a *Jurity* mimosa  
Vai presurosa procura o pouzo,  
E a serpe esguia a desfilar de rôjo  
Enrosca o bôjo no páo-d'arco annoso !

Redobra a furia da cruel tormenta,  
A luta augmenta na mansão dos ares;  
O raio estruge, despertando o medo,  
Sobre o rochedo, que domina os mares !

E a terra agita o pedregoso sólo,  
O cysne o collo amedrontado estende;  
Curva-se o tronco do gentil cypreste,  
E o pinho agreste vacilando pende !

## II

Alli nas sombras d'um virgineo leito  
Palpita um peito a resfriar de susto;  
Turva-lhe a fronte aterrorador desmaio,  
E a luz do raio lhe illumina o busto.

Ergue-se o vulto, que vaguea a medo  
Entre o segredo d'uma noite escura;  
Branca roupagem transparece escassa,  
Como a luz baça d'uma sepultura !

Ao som terrivel do trovão que geme  
Pallida treme a pudibunda virgem;  
E os meigos olhos, pelo somno oppressos,  
Soffrem os excessos da cruel vertigem.

Prostra-se o corpo, quando o medo cresce,  
E a santa prece de seus labios parte:—  
—«Graças, meu Deus ! O furacão suspende !  
«E a voz attende de quez jura amar-te.»

E a noite corre serenando, entanto,  
O negro manto a tremular se dóbra;  
Perde o pampeiro o seu furor mais vivo,  
E o mar altivo a placidez recobra!

Surge do bosque o *Rouxinol* contente,  
Corre indolente o caudaloso rio,  
A flor do lago se revê no galho,  
E o doce orvalho se derrama frio.

Limpa-se o céu. Nas regiões do vento  
Morre o sedento, mais voraz tufão:  
A luz do raio nunca mais mostrou-se,  
E alem calou-se o gemedor trovão.

.....

Assim é tudo. Si na vida errante  
Surge arrogante a tempestade d'alma,  
A prece humilde, em solitario hórto,  
Dá-nos conforto, que o pezar acalma.



## ESCUTA!

Quando no longo decorrer da noite  
Eusco no somno suffocar meus males;  
Quando, cansado do lidar da vida,  
Penso na morte;

Quando, isolado, me recordo triste  
Do meigo riso que teus labios mostram;  
Quando, opprimido pela mão do fado,  
Soffro tormentos;

Na mente vejo perpassar a sombra  
Do meu destino de medonho aspecto;  
Sinto no peito regeladas todas  
Minhas entranhas !

Conheço a força do poder ingente,  
Que teus encantos de meus olhos rouba;  
Conheço o pêzo que na dôr sepulta  
Minha existencia.

É nessas horas de cruel insomnia  
Que, louco, penso n'um fatal desejo...!  
É quando acêrbe mais então se torna  
Minha Saudade !

È quando bella mais te vejo ainda  
 N'um mar de fogo, que me escalda o sangue;  
 Sinto que morro, sem provar os gosos  
 Que eu imagino...!

Oh! não me fujas; piedosa escuta  
 Cadentes notas, que minh'alma entôa;  
 São de meu peito gemedôras cordas,  
 Por ti vibradas:—

Quando no correr da noite  
 Um canto meigo e sentido,  
 Do fundo d'alma partido,  
 Fôr teu sômnio perturbar;  
 É meu canto, é minha voz,  
 Que te busca, que te implora  
 —Não deslembres quem te adora,  
 Não me roubes minha vida!

Quando nas noites de inverno  
 Fizer do vento o rugido,  
 Pela tormenta impellido,  
 Teu frio corpo tremer;  
 É minh'alma que suspira,  
 Que te procura e te chama:  
 Não desprezes quem te ama,  
 Não me roubes minha vida.

Quando n'um bosque frondoso,  
 Passando uma noite inteira,  
 À sombra d'uma palmeira,  
 Vires um vulto isolado;

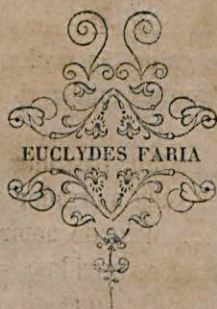


Sou eu que divago triste  
Do bosque na espessura;  
Dá-me um olhar de ternura,  
Não me roubes minha vida.

Quando n'um leito abatido  
Vires um corpo morrendo,  
A luz dos olhos perdendo,  
De amargo pranto banhados;  
É meu corpo que padece,  
Que vai deixar este mundo...  
Oh ! que golpe tão profundo !  
Não me roubes minha vida !

Quando, enfim, passados annos,  
Um phantasma aterrador  
Teu nome, cheio de amor,  
Proferir a teus ouvidos;  
É minha sombra que gira  
Em busca d'um paraizo...  
Não me negues teu sorriso,  
Não me roubes minha vida !





## EU E ELLA.

Era uma noite de luar formoso;  
O vento iroso  
Desfolhava as flores,  
E a luz opáca dessa lua bella  
No rosto della  
Desenhava amores.

O niveo cóllo, que a nudez mostrava,  
Faceiro arfava  
Namorando a lua,  
E a doce aragem, repellindo o pêjo,  
Soltava um beijo  
Na sua face núa.

Qual uma roza, que no galho impéra  
Da primavera  
No primeiro alvor,  
Ella dormia, como dorme a virgem,  
Sem a vertigem  
De fingido amor.

As louras tranças, em ligeiro abraço,  
Formoso laço  
Desenhavam bellas;  
Despido o corpo da fiel roupagem,  
Era uma imagem  
Sob um céu de estrellas!

Eu contemplava pensativo, mudo,  
Da virgem tudo  
Que lhe dêra o Céu;  
Tentei beijal-a . . . que loucura ! o beijo  
Do casto pêjo  
Nodoou-lhe o véo !

Pallida a fronte, de suor banhado,  
Eu, desvairado,  
Procurei fugir;  
Ella chorando me tolheo os passos  
E nos meus braços  
Se deixou cahir ! . . .

Foi um momento de prazer e medo !  
Fatal segredo  
Só a lua vio;  
Da meiga virgem a divinal capella  
Da fronte della  
Desprendeo . . . cahio . . . !

Entanto a aurora ja mostrava altiva  
A luz mais viva  
De brilhantes côres;  
Sonhente a virgem maldizia o gôso . . .  
E o vento iroso  
Desfolhava as flores !

7—Novembro—1865.

## A MOÇA D'ALDEIA.

(IMITAÇÃO.)

— Onde vaes, ó viageira,  
Feiticeira,  
Tão faceira,  
Caminhando sem parar?

— Que lhe importa o meu destino,  
Meu menino,  
Tome tino,  
Não estou p'ra o aturar.

— Não queres que vá contigo,  
Como amigo,  
Dar-te abrigo  
Debaixo do meu capote?

— Não desejo companheiro  
Tão bregeiro,  
Tão matreiro,  
Em favores desse lóte.

— Não te exponhas ao rigor  
Do calôr  
Abrasador  
Deste sol, que o rosto queima!

—E que tem que esteja exposto  
O meu rosto ?  
É meu gôsto ;  
Não se importe; forte teima ! !

—Vaes tão sò ! . . . queres um braço,  
Que do laço  
D'um devasso  
Te livre neste deserto ?

—Não preciso; sou robusta,  
Não me custa,  
Nem me assusta  
Supplantar o mais esperto.

—Ora, deixa-te de asneira,  
Viageira  
Ralhadeira,  
Não maltrates quem te adora !

—Não seja tão engraçado . . . .  
Mal criado !  
Apresentado !  
Sem vergonha ! vá-se embora !

—Não queres o meu amor,  
Em penhor  
Desse rigor,  
Com que me fazes soffrer ?

—De você não quero nada;  
Não me agrada  
Tal massada;  
Tenho mais o que fazer !

—Nesse caso, vou-me embora;  
Mas agora  
Só te implora  
Um beijo quem se despêde.  
—Vá em hora qu'eu esteja  
Na igreja,  
E si deseja...  
Dar-lhe-hei o que me péde.

—Pois adeus; vou-me saudoso,  
Pezaroso,  
Desgostoso  
Do mau trato que me dêste !  
—Pois eu irei caminhando,  
Caçoando,  
Me lembrando  
Das asneiras que disseste !!



# O EMPREGADO PUBLICO.

É vida enfadonha  
D'aquelle, coitado,  
Que para o Estado,  
Trabalha constante ;  
Não tem um instante  
Socêgo na vida,  
Pois nem p'ra comida  
Tem hora marcada !

Às nove e um quarto  
Se acha no ponto,  
E sofre desconto  
No seu ordenado ;  
E o pobre, coitado,  
Sem ter a gorgêta,  
La prega uma pêta  
Ao seu alfaiate !

Apenas no livro  
Assigna a entrada,  
Começa a massada,  
Sentado à sua meza;  
E já com presteza  
Lá vem um registro  
De officio ao ministro,  
Mandando balanços !



Depois outro officio  
Dizendo: « Senhor,  
« Eu, como Inspector,  
« Vou já declarando  
« Que está se findando  
« A verba—*correio*—  
« E ainda não veio  
« A ordem precisa;  
  
« Por isso eu espero  
« Que Vossa Excellencia,  
« Tendo paciencia,  
« Ordene a remessa  
« Da verba, com pressa,  
« Afim de que os pobres  
« Não fiquem sem cobres  
« Por todo este mez. »

Assim vive sempre  
Quem serve á Nação,  
De penna na mão  
Seis horas inteiras,  
Com dor de cadeiras,  
Assento doído  
E o corpo moído  
De tantas esfregas !

Ha muito quem diga  
(Por ser toleirão)  
Que de coração  
Deseja esta vida;  
Pois bem, si duvida  
De tanta mazella,

Que venha p'ra ella.  
Verá o que é bom !

Verá como soffre,  
Devido a seu zêlo,  
Geral atropêllo  
Nas suas emprezas;  
Pois tantas *proézas*  
P'ra Côrte dirão,  
Que o pobre, sem pão,  
É pôsto na rua !

Apenas no fim  
De vinte e mais annos  
Se dá aos maganos  
A sua reforma;  
Porem de tal forma  
O tempo se conta,  
Que até se desconta  
Quem 'steve doente !

Si acaso, por honra,-  
O bom empregado  
Não quer ser pizado  
Por outro maior;  
Então é peor,  
Se diz:—« não tem brio,  
« Fulano é vadio,  
« Não presta p'ra nada ! »

Com estas e ouſas  
Só é bem feliz  
Quem sabe o nariz

Metter onde quér;  
Pois quem não quizer  
Soffrer a *pitada*. . . .  
Não é gente honrada,  
Vai logo p'ra fóra !

Portanto não vejo  
Qual seja o proveito,  
Que tem o sujeito,  
Que honrado trabalha;  
Por mais que elle valha,  
É sempre alcunhado  
De ser empregado  
Constante vadio !



## N'UM ALBUM.

E  
U  
C  
L  
I  
D  
E  
S  
 ma boas, meu amigo, me metteste !  
 ns versos no teu album !... Que lembrança !  
 omo heide escrever, sem esperança,  
 igeiro pensamento ? Enlouqueceste ? !  
 magina em que apertos me puzeste,  
 ei tratos ao pezar, que me consome,  
 sforcei-me demais, e apenas pude,  
 em orgulho, escrever meu pobre nome !



## O ANNO NOVO.

Ora graças ! Mais um anno  
Lá se foi (bòa viagem)  
Batendo a leve plumagem,  
O tal bissexto magano.  
Que tratante ! Todo ufano  
Se apresentou em Janeiro,  
Risonho, alegre e faceiro,  
Com cara de innocentinho;  
Mas depois o tal bregeiro  
Degenerou no caminho,  
E sem maior cerimonia  
Fez sempre, em quanto existio,  
Milhares de falcatruas,  
Pregando algumas das suas.

Que anno ! Santa Maria !  
Flagellando a humanidade  
Sò se via epidemia  
Matando pela cidade !  
De um lado — febre amarella,  
Do outro — dôr de barriga,  
Acolá — muita hexiga,  
Alli — dôres de cosdella,  
Uns com forte erysipela,  
Outros com dysenteria;

E afinal, quem diria  
Que além destes males todos,  
Que a uns mata, á outros fêre,  
Viesse a tal *beri-beri*,  
Lá dos fins do velho mundo,  
Passeiar na nossa terra  
E fazer cruenta guerra  
N'este solo tão fecundo !

Que anno, meu Deus, que anno !  
Só parece que o velhaco  
Constituiu-se em tyranno  
E fez este mundo em caco,  
Sem ter mais contemplação !

De toda forma e maneira  
O tal anno que acabou  
Mãos instinctos revelou,  
Desde que abriu sua carreira:  
Um clima todo inconstante,  
Um calôr que atorloava,  
Ás vezes frio incessante,  
E chuva que Deus mandava,  
Que fez inverno dobrado,  
Molhando todo o roçado,  
Estragando o algodão,  
E reduzindo os valores  
Do fruto dos lavradores,  
Que perderam a exportação,  
Não só pelo pouco custo,  
Como até pelo pulgão,  
(Sem ser o Gentil Augusto)  
Que estragou a plantação !

É pura verdade isto,  
 Fallando sério não minto,  
 Foi mesmo um anno faminto  
 O tal de setenta e dois,  
 Pois mesmo lá na matança,  
 Houve até falta de bois.

Reparem mesmo, reparem  
 Que a somma do algarismo  
 Revela bem o cynismo  
 Do quanto aqui assevéro,  
 Pois—um, oito, sete e dois—,  
 No fim de tudo dá—zéro!—

Vejam agora a differença  
 Do anno que está surgindo,  
 Como vem todo gamenho,  
 Todo placido e sereno,  
 Como um infante sorrindo  
 N'um collo bello e moreno!  
 Como vem tão radiante,  
 Por entre nuvens rosadas,  
 A luz do astro brilhante,  
 Dourando as verdes camadas  
 Da relva que enfeita os prados!  
 Como de todos os lados  
 A natureza desperta,  
 Acalentando nos seios  
 Os matutinos gorgeios  
 Das áves que se namoram!

Sê bemvindo, ó anno novo!  
 Lá do futuro onde moram

Os dotes da Providencia,  
Derrama sobre este povo,  
Que risonho hoje te adora,  
Perennial beneficencia,  
Que neutralise o rigor,  
Com que fez o seu reinado  
Teu cruel antecessor.

É de esperar que este anno  
Tudo ande direitinho,  
Que todos sem excepção  
Não critiquem do visinho,  
Para haver grande harmonia  
E pouca murmuração;  
Que não haja assassinatos,  
Nem mil outros desacatos;  
Que tenha grande commercio,  
Que todos façam negocio,  
Que a mulher ame o marido,  
Para não haver divorcio,  
Nem mesmo pancadaria,  
Pois não ha nada peor  
Do que a mulher ciumenta,  
Que arde como pimenta,  
Quando quer com seus mãos tratos  
Conhecer dos nossos actos.

Quem atura uma mulher  
Que quando entramos de fora  
Nos pergunta sem demora:  
— « Ondé esteve até agora ?  
« Ja sei que foi desafôro,  
« Esteve no seu namôro . . .



« Então pensa que eu não sei  
 « Que você gosta da Rita,  
 « Da Clara e da Mariquita? »—  
 —Mas, mulher...—« Calle-me o bico!  
 « Que grande patifaria!  
 « Inda hontem me disseram  
 « Que a própria velha Maria  
 « Lhe falla sempre á janella,  
 « Quando sáe d'aquí de casa  
 « E vem da thesouraria!  
 « Que velha ordinaria aquella! »

É, pois, por estas e outras,  
 Que eu aconselho prudencia;  
 Entremos no anno novo  
 Tendo santa paciencia,  
 Pois é de crêr que este anno  
 Côrra calmo e venturoso,  
 Que não haja prejuizo,  
 Que todos tomem juizo,  
 Que se respeite o alheio,  
 Que ninguem pregue calóte,  
 Pois furtar é muito feio!  
 Que os jornaes sejam discretos,  
 Que os tratantes tenham freio,  
 Que não sejam tão espertos...  
 Que os padres sejam mais cautos,  
 Haja sentenças mais justas,  
 Mais consciencia nas custas,  
 Menos demora nos autos.

Por tanto, amados leitores,  
 Vos desejo desta vez

O anno setenta e tres  
Todo coberto de flores;  
E faço votos a Deus,  
Para que os dissabores,  
Que nos cercam nesta vida,  
Jamais encontrem guarida  
Nos dias que vem surgindo;  
Mas eu vou ja prevenindo  
Que tudo tem recompensa,  
E que p'ra mim é sentença  
— *Uma mão lavar a outra*—;  
Por tanto se desejardes  
Felicidade com certeza,  
Mandai com toda presteza  
Trazer no nosso escriptorio  
Um succolento offertorio,  
Mesmo por todo este mez,  
Que tomarei como mimo  
D'Annos-Bons, Festas e Reis.

1° de Janeiro—1873.



# O ARTISTA.

(AO ACTOR DRAMATICO XISTO DE PAULA BAHIA.)

Coberta a fronte de uma paz serena,  
Vê-se na scena gigantesco vulto;  
Negra tristeza lhe suffoca o peito,  
Vendo o despeito, que lhe nega o culto.

É elle artista, que no palco affeito,  
Mostra o defeito, que pratica o mundo;  
Traduz com phrases divinaes, sinceras,  
Passadas éras de escriptor profundo.

Na fronte sua se descobre o brilho,  
Que mostra o trilho, que conduz á gloria;  
Embora triste no presente passe,  
Seu nome nasce na futura historia.

O falso riso, que se lê no rosto,  
Cobre o desgosto que tal vida tem;  
Finge prazeres, falsifica olhares,  
Porém, pezares não lhe vê ninguem.

Mas, elle soffre do supplicio as dôres,  
Juntando as flôres, que lhe atira o povo;  
No som do—*bravo*—, que aos ouvidos trôa,  
Colhe uma c'róa de martyrio novo !

E a turba gosa...e o artista geme,  
Vergado ao leme do batel da vida;  
Ne gro futuro, que não traz riqueza,  
Lega a pobreza do correr da lida !

E o pobre outr'ora d'uma paz serena,  
Que a propria scena repellio cansado,  
Morre, qual planta que o calor consome,  
Mas, deixa um nome, que viveo honrado.



## PROTESTO!

Perante o Céu e a Terra,  
Entre os bens que o mundo encerra,  
Protesto mover a guerra  
Contra as *Deusas de salão*;  
Quero mostrar que os amores,  
Cercados de resplendores,  
Tem o viver d'essas flôres,  
Que o vento espalha no chão.

Ferve-me o sangue nas veias,  
Quando descubro essas feias,  
Armando laços e teias  
Á qualquer homem de bem !  
Por entre rendas e fitas,  
Com que se fazem bonitas,  
Veem-se caras exquisitas,  
Que de bôas nada têm.

Uma estuda no semblante  
O gesto mais fascinante,  
P'ra tornar qualquer amante  
N'um cachorro de cambão;  
Outra alli, inda mais terna,  
Quando na walsa se interna,  
Deixa ver roliça perna  
Entre as talas do balão !

Mais alem, outra mui bella,  
Repimpada na janella,  
Esconde sua mazella  
N'um vestido matizado;  
E por ser muito experiente....  
Vai occultando, prudente,  
O seu *brinquedo innocente*  
Com seu primo namorado !

Quando eu vejo na riqueza  
Tanta má fê e vileza,  
Envolvidas na grandeza  
Do brazão de uma familia;  
É que sinto o quanto é nobre,  
Sem o ouro, que tudo encobre,  
Amar-se uma mulher pobre,  
Como é pobre a minha Emilia.

Minha Emilia moreninha,  
Na sua pobre casinha,  
Me parece uma rainha  
No seu throno de brocado;  
N'essa morada bemdita,  
Como fica tão bonita  
Com seu vestido de chita,  
De folhinhos enfeitado !

Quando o sòl dêspe os ardores,  
Ella, correndo entre as flores,  
Vai gosar gratos frescôres  
Nas aguas do rio ameno;

---

E quando volta cansada,  
Como é linda e engraçada,  
Soltando a trança enlaçada,  
Sobre seu collo moreno !

Todas as mais enfeitadas,  
De brilhantes adornadas,  
Nos seus *divans* recostadas,  
Ostentando a vã nobreza;  
Não tem tanta formosura,  
Como Emilia casta e pura,  
Sentada á sua costura,  
Rodeada de pobreza !\*

O beijo que surdo estala  
No cantinho de uma sala,  
Sem dizer-se o que se cala  
No fundo do coração;  
É mil vezes differente  
Do beijo puro, innocente,  
Que dá Emilia contente  
No seu livro de oração.

Como hade ficar tão bella  
N'aquella fronte singela,  
Uma corôa de donzella,  
No seu dia de noivado !!  
Oh ! que dia venturoso !  
Como hei de ser orgulhoso,  
Quando estiver feito esposo  
D'esse anjo abençoado !

Ha de ser um dia *chique* ,  
Ao prazer não porei dique,  
Ha de haver muito repique,  
Muita bandeja de dôce;  
E depois grande banquetê,  
Que acabará em *lambête* . . .  
Muita flor, muito foguête,  
Muita luz, muito arrôz-dôce ! .

E depois d'estas bravatas,  
Acabo com as bambochatas.  
Não vou mais á passeiatas,  
Fico mettido na *tóca*;  
Quero apertar bem os laços,  
Gosando os ternos abraços,  
Que se desfructam nos braços  
De minha cara *Milóca* !

18—Janeiro—1865.





## NO PALCO.

(Á UMA CANTORA FRANCEZA.)

Bem como a flôr que desponta  
Cheia de graça e frescura,  
Ostentando a sua candura  
No sorrir da madrugada;  
Ou como a luz prateada  
Do meigo astro formoso,  
Que divaga magestoso  
Por entre as nuvens da noite;

Como o gemido queixoso,  
Que soltam as aguas da fonte,  
Quando na fralda do monte  
Revolvem a concha no seio;  
Ou como o terno gorgueio  
Do passarinho innocente,  
Que descanta docemente  
Nas palmeiras do Brazil;

Assim te mostras no palco,  
Por entre nuvens de flores,  
Cercada dos resplendores  
Do talento e da belleza;

Da arte toda a grandeza  
Se mostra nas harmonias  
Das suaves melodias,  
Que tua voz nos patentêa.

Prosegue, estrangeira artista,  
No teu caminho de gloria,  
Enriquecendo a historia  
Dos genios do teu paiz;  
E quando a sorte feliz  
Nos roubar tua voz fagueira,  
Nesta terra hospitaleira  
Tu serás sempre lembrada.



## BELEM DO PARÁ.

No Guajará debruçada,  
Como gentil namorada,  
Vê-se Belem assentada  
Debaixo d'um céu de anil;  
É qual donzella innocente,  
Que repousa docemente,  
Cansada da calma ardente,  
Nos palmares do Brazil.

Essa habitante do norte  
Tem n'uma ilha seu forte,  
Que alli defende da morte  
O denodado artilheiro;  
É pedregoso gigante,  
Que se levanta arrogante  
De atalaia ao viajante,  
Que busca a terra ligeiro.

Ha nas praias deleitosas  
Doces aguas bolicosas,  
Onde brincam, caprichosas,  
As velas da *montaria*;  
E, tambem como os de cá,  
Tem barcos de *Cametá*,  
Mil outros de *Macapá*,  
Cruzando na pescaria.

Tem um sol de luz brilhante,  
 Que apparece radiante,  
 Aclarando n'um instante  
 A palma da *jucareira*;  
 E á noite pela malta  
 Surge uma lua de prata,  
 Que no chão toda retrata  
 A sombra da *mongubeira*.

E quando o sol luminoso  
 Cae á tarde vagaroso,  
 Deixando ver magestoso  
 O céu de pallidas cores;  
 Vê-se então quanta riqueza,  
 Cheia de maga belleza,  
 Apresenta a natureza  
 Naquella terra de amores!

.....

Alli tenho, amargurada,  
 Uma existencia passada,  
 Junto á flor, que, desfolhada,  
 N'uma campa se perdeu;  
 Pois que divino mysterio  
 Encerrou no cemiterio,  
 Sob o lagêdo funereo,  
 Uma irmã que Deus me deo!

É lá que vejo constante  
 Uma estrella fascinante,  
 Como um sorriso de amante  
 Por entre as dobras d'um véo;

---

Essa estrella fria e calma  
É minha irmã, que da alma,  
Da virtude tendo a palma,  
Desprende um riso no céu !

13—Dezembro—1859.



## À EULINA.

(RECITATIVO.)

Vives, Eulina, de meu peito ausente,  
Bella, contente, como vivem as flores,  
E eu triste passo nesta soledade,  
De atroz saudade supportando as dôres !

Gosa esses tempos que te são felizes,  
Entre os matizes dos vergeis floridos;  
Em quanto eu vêrto, pelos teus encantos,  
Doridos prantos, perennaes, sentidos !

Folgas, Eulina, qual gentil criança,  
Entre a bonança d'esse mar de rosas,  
E nem te lembras dos passados dias,  
Das alegrias, que lá vão saudosas !

Brinca, meu anjo; nessa tua idade  
A felicidade nossa vida afaga,  
Que o tempo cõrre, minha cara Eulina,  
E a luz divina do viver se apaga !

Olha o futuro, como vem tão lindo,  
Meigo, sorrindo, revelando amores !

Vê como a aurora tão risonha impéra  
E a primavera vivifica as flores !

Assim teus dias vão correndo bellos  
Entre os anhelos d'um porvir risonho,  
Em quanto eu choro minha louca esp'rança,  
Como a lembrança d'um mentido sonho !

17—Janeiro —1874.



## NÃO CHORES!

OPFERECIDO PELA EXMA. SRA D.—M. G.—Á SUA AMIGA  
A EXMA. SRA. D.

SEVERIANA SOUZA.

POR OCCASIÃO DA PARTIDA DE SEU IRMÃO PARA A  
CAMPANHA DO PARAGUAY.

Qual pallida rosa do galho pendida,  
Que á noite, abatida, supporta o sereno,  
Assim, cara amiga, te vejo saudosa,  
Mostrando chorosa, teu rosto moreno!

Qual triste queixume da onda que geme,  
Quebrando-se ao leme da barca veleira,  
Tu soltas do peito, de mágoa pungido,  
Um terno gemido de dôr verdadeira.

Eu sei que, sincera, lamentas a guerra,  
Que longe da terra te leva o irmão;  
Mas, ella é o brado, que chama o soldado,  
Que vê no doado seu nobre braço.

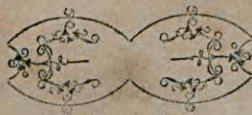


Aquelle que, honrado, no campo orgulhoso,  
No peito brioso recebe o fuzil,  
Seu nome cercado de louros da gloria  
Lá vê na historia do grande Brazil.

Por tanto, ó amiga, não chores a sorte  
Daquelle que a morte não teme, valente;  
A patria o reclama no som dos tambores,  
Soffrendo os rigores d'um povo insolente!

E tu que bem sabes o quanto meu peito,  
Ás magoas afeito, te vota amizade,  
Recebe este canto leal, verdadeiro,  
Fiel companheiro de minha saudade.

Julho—31—1865.



## A PROSTITUTA.

Como a bella manhã, que vem nascendo,  
De purpurinas nuvens matizada,  
Aclarando a folhagem, que guarnece  
A verdejante cópa da mangueira,  
E que, apòs esse brilho, é logo immersa  
N'um denso turbilhão de negras nuvens,  
Que pelo ethereo espaço esvoaçando,  
No invernoso tempo a chuva mostram;  
Qual risonho botão que se faceira  
Na doce viração de tarde amena,  
De finissimo galho pendurado,  
Onde a briza, passando caprichosa,  
Nesse todo gentil um beijo imprime,  
Mas que, depois de instantes, emmurchece,  
Semeiando de pétalas a terra,  
Onde mancha afinal as lindas côres;  
Assim é a mulher perdida e louca,  
Que do vicio no pélago cahindo,  
Rouba á si a virtude, que lhe déra  
O supremo poder da natureza!

Que sublime painel que representa  
O todo virginal da mulher casta,  
Nesse meigo rubor que se<sup>2</sup>divisa  
N'um simples revolver dos olhos bellos!

Mas... como aterrador depois se ostenta  
Esse olhar infamado, onde a virtude  
Deixou lugar ao vicio e se perdera  
No medonho escarcéo d'um mar lodoso !

Eil-a que vai correndo apedrejada  
Pela turba ociosa, que contempla,  
No meio de frenéticas risadas,  
A desgraça esmolando o pão da vida!  
Não ha um sò lampejo de virtude  
No triste olhar da misera, que geme  
Vergada sob o jugo da deshonra !  
Jamais se vê no pallido semblante  
O sublime rabor da juventude,  
O virgineo sorrir da flor nascente  
No doce alvorecer da primavera !  
Uma livida côr traduz nas faces  
O cancro roedor que jaz no peito;  
E, qual mortalha triste que sepulta  
Finado peccador na paz dos mortos,  
Um farrapo que traz, lhe cobre os membros !

Em humida palhoça eil-a gemendo,  
Com resfriado corpo e quase inerte,  
Sem ter amiga mão, que, bemsfazeja,  
No termo do viver seus olhos cerre !  
Sem haver uma voz que lhe apregõe,  
Com fé robusta, a crença do Calvario,  
O perdão desse Deos, de cujas leis,  
Zombando da verdade, escarnecêra !

É assim que se torna a prostituta,  
A mulher desvairada, em cujo peito  
Veneno atroz lhe rõe o imo d'alma !  
Embora a carinhosa mãe pranteie  
No leito deshonrado a filha ingrata,  
Que perdeu d'uma vez o que no mundo  
Mais sublime creou o Ser Supremo,  
—Honra, virtude, amor e castidade—,  
Folga o vicio afinal, vence a deshonra,  
Padece a natureza, e reina o crime !!



## O NOIVADO.

Quando a noite desdobra vagarosa  
Por sobre a natureza escuro véo,  
E milhares de estrellas lá no céo  
Abrilhamtam de luz o firmamento;

Revestido de pompas magestosas,  
De odoríferas flores perfumado,  
Um altar de riquezas adornado  
No templo do Senhor se patentea.

Em presença do Deus, que tudo sabe,  
Um conjuncto se prostra respeitoso,  
Formado d'um mancebo virtuoso,  
Com formosa, gentil, meiga donzella.

De candido vestido a linda virgem  
Traz na fronte singelas, brancas flores;  
E seus olhos, linguagem dos amores,  
Occulta o fino véo da castidade.

Um ligeiro rubor lhe tinge as faces,  
Palpita-lhe de amor o casto seio;  
O modesto pisar mostra'o enleio  
Do sublime viver da virgindade.

Sacrosanto poder confirma o laço,  
Formado pelo amor na juventude,  
E lhe mostra o caminho da virtude  
Na bençãam divinal, que lhe concede.

.....

A noite se adianta, o somno chega,  
Das salas o festim perde o calôr;  
E nas azas felizes do amor  
Um throno de prazer se eleva puro.

Em magico silencio tudo dorme,  
E por entre o filó de branco leito  
Só se ouve o pulsar, dentro do peito,  
Dos ternos corações do pár ditoso !....

.....  
.....

Levanta-se o dia  
Vestido de galas,  
Com risos nas salas  
Da casa festiva;  
E languida, esquiva  
A noiva formosa  
Acorda saudosa  
Da noite passada !

Ôs meigos volveres  
Dos olhos bregeiros,  
Que, alegres, faceiros,  
Diziam—ternura;

Com menos frescura  
Traduzem formosos  
A somma de gosos  
Fruidos então !....

As flores de hontem  
No leito espalhadas,  
Se mostram pisadas  
Do somno da virgem;  
Pois grata vertigem,  
No meio das flôres,  
Ao céu dos amores  
Sua alma levou.

A branca, virginea,  
Mimosa capella,  
Que ornava a donzella  
Na vida primeira;  
Cahio leiticeira  
Ao toque de um beijo...  
Cedendo ao desejo  
Dos labios amantes !

O fino vestido  
De rendas franjado,  
Que havia enfeitado  
Sen cóllo mimoso;  
Impulso feroso  
De tremulo amante  
Rasgou, delirante,  
De graças captivo !

Impressas no rosto  
Ficaram eternas  
As lagrimas ternas  
À noite vertidas;  
E lá confundidas  
No doce martyrio  
As côres do lyrio,  
Que o somno colheo !

E tanta desordem  
No meio da festa  
Prazeres atesta,  
Que a noite logrou;  
Somente murchou  
Na hora mais bella  
A flor de donzella,  
Que Venus plantou !





## MISSIVA.

(AO AUCTOR DAS CARAPUÇAS.)

Meu joven amigo poeta:  
Recebi o teu presente,  
E dei logo bem na frente  
Com duas iniciaes,  
Como evidentes signaes  
D'um auctorsinho modêsto.  
Por isso grito e protesto,  
Não quero nada escondido,  
Senão ficas esquecido.  
Porque assim te rebuças?  
Vou divulgar teu segredo:  
—São do *Arthur Azevedo*  
Os versos das CARAPUÇAS.

Que lucras em vêr teu nome  
Rolando no pó da terra,  
Como um cobarde na guerra,  
Como um astro que se some?  
Deixa-te disso. O poeta  
Não é ahi qualquer tolo,  
Que vive pregando pêtas,  
Sem ter siso, nem miolo;

Nem é nenhum criança  
Formado em jurisprudencia.  
Que aprendeo lá na escola,  
Á força de paciencia.  
Não julgues que estou mangando,  
O que te digo é verdade.  
Por isso vês na cidade  
Muito burro escouceando !

Fica certo, eu te affianço  
Que tudo isto que avanço  
E que trago na memoria  
São factos da nossa historia,  
Não são cousas inventadas,  
Nem é raro, como pensas,  
Vêr-se um asno a dar sentenças,  
Um letrado a dar patadas.

A poesia, meu caro,  
Não é sciencia, nem arte,  
Que se aprenda em qualquer parte,  
Pagando somente o mestre;  
Nem é cousa que se empreste  
Com juro de dez por cento,  
Até real pagamento.  
A tal cousa é mais honrosa,  
Não anda tanto á granel,  
Coíno a commenda da Rosa,  
E a carta de hacharel.

A tua missão é mais nobre,  
Do que ter um pergaminho,

Com béca, bonet de arminho,  
 E o bolso rôto sem cobre.  
 O poeta é sempre pobre,  
 Não tem thesouro escondido,  
 Nem anda comprometido  
 Por causa do tal *fiado*;  
 Jamais morou em sobrado,  
 Anda sempre cá por baixo.  
 Porem, si nunca subio,  
 Nunca desceo á capacho.

Podias ser um portento  
 Nos bancos da academia,  
 Mas lá todos tem *talento*,  
 É quase uma epidemia.  
 Podias saber historia,  
 Ter os factos na memoria,  
 E fallar com afouteza  
 Da guerra *Prusso-Franceza*:  
 Mas, do que serve esta asneira ?  
 Que importa á Pariz, que dança,  
 Que o Rei *Guilherme da Prussia*  
 Chegasse lá com uma sucia  
 Armada de capacête,  
 Dêsse em todos de cacête  
 E caçoasse com a França ?  
 Que vale saber que *Néro*  
 Éra filho de *Agripina*;  
 Que o sacrilego *Luthéro*  
 Tinha uma lingua ferina;  
 Que *Valeria Messalina*  
 Não foi nenhuma donzella,

Que *Claudio* casou com ella,  
E ella casou com *Silio*,  
E que as satyras latinas  
Quem inventou foi *Lucilio* ?  
Que vale dizer a historia  
Que *Lucrecia* resistio . . .  
Sendo sempre combatida,  
Si, talvez, hoje enterrada,  
E já tarde arrependida,  
Chore essa asneira passada,  
Vendo tantas, menos fortes,  
Cedendo á fracos transportes,  
De noite embalar criança,  
De dia fazer mudança,  
Trazendo preso na trança  
Fino véo da castidade,  
E na frente meiga e bella,  
Com olhos de sonsidade,  
Uma corôa de donzella ? !

Podias tambem ter geito  
Para estudar geometria,  
Ou aprender geographia  
Como ahi qualquer sujeito;  
Mas, o que lucravas tu  
Em saber que o rio *Tejo*  
Corre manso e magestoso  
Entre a *Beira* e o *Alemtejo*,  
Banhando os pés, orgulhoso,  
Da pittoresca *Lisboa* ?  
Nem que comarca de *Gôa*  
Se compõe de dôse ilhas;

Ou que o imperio da *China*.  
Tem em si uma muralha  
De mil e tresentas milhas,  
E não tem casas de palha ?  
Que *Roma* tem quinse portas,  
Que lá tem o *Capitolio*,  
Onde perdeo-se o espolio  
Do heróe *Vespasiano* ?  
Que a cidade de *Venesa*  
Tem em si tanta belleza,  
Que alli ninguem vinga a mágoa,  
Quando um cão ferra a dentada,  
Pois não se atira pedrada,  
Porque as ruas só tem agua ?

Por tanto, meu caro amigo,  
Estudar isto é asneira;  
Põe de parte a geographia,  
E procura outra carreira.

Mesmo a arte de *Rossini*,  
Si a tivesses adoptado,  
Nunca serias *Bellini*,  
Serias desafinado,  
Pois davas em debochado;  
E logo em qualquer momento  
Te julgavas um talento,  
Pois isto aqui no *Brazil*  
Muda o homem n'um jumento,  
O artista n'um *funil*. . .

E si tu, por vocação,  
Quizesses ser empregado,  
Que futuro desgraçado !  
Soffrias preterição;  
E por mais que tu fizesses,  
Occupando emprego baixo,  
Éras tido por vadio  
Por algum chefe capacho !

Militar tambem não presta,  
É uma vida indigesta,  
Sempre muito consumida,  
E depois muito arriscada,  
Vem uma bala perdida  
Faz d'um homem uma salada !

Já vês que tudo é precario;  
Segue mesmo o teu destino,  
Que o genio não tem idade,  
Pode ser mesmo menino,  
Nasce no berço com a vida  
E vai á posteridade.  
Não esmoreças na lida,  
Nera receies o marulho  
Das ondas da populaça.  
As *carapuças* tem graça,  
Vei talhando-as p'ra quem passa,  
Não te importes do barulho.  
E quando os hóbos da scena  
Teus escriptos criticarem,  
Dá-lhes p'ra baixo com a penna  
E deixa os tôlos gritarem.

## QUEIXUMES.

Ferido pelo fado deshumano,  
Soffrendo do pezar as negras dores,  
Vejo em trevas fugir os meus amores,  
E juntar-se commigo o desengano !

Quando á noite no cêo a meiga lua  
Vêjo alegre dourar o firmamento,  
Fortifica-se mais o meu tormento,  
Revendo no seu brilho a face tua !

Entre as sombras da noite, quando sonho,  
E no mundo ideal vago sem tino,  
Vêjo a força fatal do meu destino  
Indicando um porvir triste, medonho !

Si no breve acordar do meu delirio  
Sinto a briza fagueira acalantar-me;  
Julgo ser teu suspiro a bafejar-me,  
Dando livre expansão ao meu martyrio.

Si o passado recorde, venturoso,  
Chamando em meu soccorro a tua imagem;  
Pavorosa visão, negra miragem  
Me revela o presente tormentoso !

E si, acaso, feliz, góso velando  
Um lampejo de luz dos teus olhares,  
Essa luz aviventa os meus pezares,  
A pèrda de teus dotes recordando.

.....

É assim, meiga virgem, que eu padeço  
Do meu triste viver crueis torturas,  
Em quanto no gosar de mil venturas  
Nem te lembras de mim, que não te esqueço !





## VEM CÁ!

(Á MALOCA.)

Vem cá, risonha morena,  
Entre os perfumes das flores,  
Gosar os ternos amores  
D'uma existencia fagueira;  
Deixa essa vida sem gosos,  
Vem dar prazer á minh'alma,  
Sentada á sombra da palma  
De viçosa *juçareira*.

Vem, não fujas; quero dar-te,  
No mais sombrio da selva,  
Um verde throno de relva,  
Sob um docel de saphira.  
Ao som do canto das aves,  
Tu verás, linda morena,  
Como a mimosa açucena  
Nas brandas aguas se mira.

Vem cá! No centro do bosque  
Corre mais placida a vida,  
Ha mais segura guarida<sup>o</sup>  
Nos troncos da *gamelleira*.

Não tenhas medo da noite,  
Que a luz magica da lua  
Vem beijar a face tua,  
Te namorando faceira.

Vem commigo, e tu verás  
Como a gentil mariposa  
Tão levemente repousa  
No pollen da flor do jambo;  
Em quanto a serpe travêssa,  
Deixando o rasto n'areia,  
Toda garbosa se enleia  
No laço do cipò bambo.

Senta-te aqui no meu cóllo,  
Curva em meu peito tua frente,  
Ouve o susurro da fonte,  
Por entre as folhas do nardo;  
Deixa que eu beba em teus olhos,  
Nesse olhar que se enlanguece,  
A vida que me fallece,  
Como a cecem entre o cardo.

Olha, como na folhagem  
A *sururina* passeia,  
E o *colibry* se volteia,  
Sugando os labios das flores.  
Na base daquelle outeiro  
Tem um *mirim* derribado,  
Vamos alli, a teu lado,  
Fallar dos nossos amores.

Mas... porque choras, meu anjo ?  
Por que receias seguir-me ?  
Queres tão cedo punir-me,  
Só pelo crime de amar-te ? !  
Oh !.. não me deixes, ingrata,  
Que o céu de luz se reveste,  
E o doce orvalho celeste  
Comnosco a sorte reparte.

Não fujas, que a vida é breve,  
Como as venturas passadas,  
E temo vêr desfolhadas  
As flores da mocidade;  
Deixa que eu veja em teu rosto  
Brilharem as côres d'aurora,  
Nesse sacrario onde mora  
O goso da virgindade !

4 de abril de 1875.



## VERSOS À COTINHA.

(RECITATIVO.)

Tu és, Cotinha, semelhante à rosa,  
Bella, formosa no sorrir d'aurora,  
Quando no galho, que o verdor matiza,  
A fresca briza de manhã namora.

Tu és, meu anjo, como a flor do lago,  
Que o brando afago da corrente beija,  
Quando, vergada por um leve anceio,  
Mergulha o seio, que depois goteja.

Tu tens, Cotinha, como a casta lua,  
Na face tua a pallidez da côr;  
Tens como ella, no singelo riso,  
Um paraíso, que traduz amor.

Tu tens, meu anjo, no volver dos olhòs  
Um mar de escolhos, que suffoca e mata;  
Ah! quem me dêra nesse abysmo d'alma  
Ganhar a palma, que esse mar retrata!

Eu tenho medo de te vêr, Cotinha,  
Quando a pontinha de teu pé diviso...

Elle revela nos meus sonhos d'ouro  
Rico thesouro, que me rouba o siso !

Eu tenho medo quando vejo, louco,  
Arfar um pouco teu, mimoso seio . . .  
Sinto no peito renascer, immenso,  
O fogo intenso d'um fatal receio . . . !

Tu és, Cotinha, a viração da noite,  
Que em brando açoitado faz tombar o lyrio;  
És como a luz do funeral capella,  
Pallida e bella, que despede o cirio.

Tu és, Cotinha, a mais perfeita imagem,  
Que na passagem deste mundo vi;  
Solta, meu anjo, de teus olhos santos  
Piedosos prantos . . . morrerei por ti !



## COUSAS DE MINHA TERRA

Maranhão, ó terra bôa !  
Acceita meus cumprimentos,  
Berço de tantos talentos,  
De Odorico e João Lisboa,  
Gomes de Sousa e Sotero,  
Nomes qu'eu muito venero,  
Dias, Sá, Galvão e outros,  
Cujo estro Apollo afaga,  
Fazendo novas conquistas,  
Como Serra e Gentil Braga.

Consente, filha do norte,  
Qu'eu devasse os teus encantos,  
E vá ferindo de morte  
Os teus vícios, que são tantos,  
Filhos do vil desmazelo,  
Criados no servilismo,  
Á sombra d'um falso zelo,  
Com foros de patriotismo.

Deixa que eu rasgue, sem pena,  
O véo que te cobre o rosto,  
E fique a todos exposto  
O typo tão caricato,  
Que representas no mundo,  
Por obras do patronato.

Vejamos; não te envergonhes,  
Deixa esse pejo ocioso,  
Que máscara o teu semblante  
Tão falso, tão duvidoso.  
Quem te falla é teu amigo,  
Filho das tuas *entranhas*,  
Mas, que conhece tuas manhas,  
E não te expõe ao perigo  
De ver de toda maneira,  
Por dura penna estrangeira,  
Teus defeitos apontados.

Vejamos; tem paciencia,  
Abre teu seio chagado....  
—Quanto brio desperdiçado!...  
Quanta dôr de consciencia!...  
Quanto dinheiro roubado!...  
Que grande somma perdida!  
Quanta sciencia vendida!  
Quanto empregado comprado!...

Este estado é lastimoso;  
Deixemos tanta miseria,  
Tratemos d'outra materia,  
D'outro quadro mais vistoso.  
Vamos ver as grandes obras  
Da nossa bella cidade,  
Desta mimosa deidade,  
Do Brazil formosa filha,  
Que dorme um somno ridente,  
No clima do norte quente,  
Tendo por berço uma ilha,  
Por tecto um bosque gentil,

Por manto um véo de palmeiras,  
Por cabeceira o Anil.

Eis alli, junto á cidade,  
N'aquella praia arenosa,  
Uma linha tortuosa  
De pedras, sem igualdade;  
É um Caes, que projectou-se,  
Porem que hoje não *anda*...  
Pois até mesmo apagou-se  
O nome d'um tal Miranda,  
Que n'um lugar escolhido,  
Como inventor d'essa empresa,  
Tinha a provincia esculpido.

É alli que muita gente  
Tem mostrado ao mundo inteiro  
Que ser doutor, ou pedreiro  
Não é tudo a mesma cousa;  
Pois aquelle immenso entulho,  
De areia, tujuco e cisco,  
Attesta e prova de sobra  
Que quem deo o risco á obra,  
Pôz tambem a obra em risco !

Fica, por tanto, em socego,  
Ó Caes d'eterna lembrança;  
Seja teu bello consôlo  
A lisongeira esperanza  
De seres sempre bemdito,  
Como uma obra celeste,



Pois si principio tiveste,  
Serás tambem infinito !

Busquemos outro caminho,  
Vamos ver obra mais bella,  
Onde horrivel *comidela*  
Tem havido em larga escala.  
—Eis aqui a grande valla  
De formidavel memoria,  
Sorvedouro de dinheiro,  
Vergonha da nossa historia.  
Nasceo no sec'lo passado,  
Com lisongeiro futuro,  
Foi baptizado por—*Furo*—,  
Mas ficou sempre tapado ! !

Grande somma aqui gastou-se,  
Muita barriga se encheo,  
Muito pobre enriqueceo,  
Muito engenheiro espichou-se ! . . .  
Áqui jazem sepultados  
Muitos nomes eminentes  
De preclaros presidentes,  
No grande *Furo* empenhados.  
Mas ! . . . ai ! miseros, coitados !  
Maior força teve a sorte,  
Que neste jogo de morte  
Gañhou do *Furo* a partida !  
Hoje é becco sem sahida,  
Ou como um rio sem foz;  
E tão brilhantes projectos,  
Que não chegaram até nós,

Si não são de nossos netos,  
*Foram de nossos avós !*

Mas, deixemos o Bacanga,  
Vamos atraz outra vez;  
Convem que me certifique  
Si lá junto das Mercez  
Já se acabou um tal Dique  
De celeberrima historia.

Eil-o alli ! Parece um campo  
Coberto de frias lousas,  
Entre milhares de cousas  
Compradas a bom dinheiro !  
Tem obras de alvenaria,  
Pedacos de ferro velho;  
Tem pedras de cantaria  
De primorosos labores,  
Representando tamborès  
E peças de artilharia !

Parece grande debique  
Taes emblemas para um Dique,  
Porem, com mais reflexão,  
Compulsando a nossa historia,  
Fica demais explicada  
Lembrança tão irrisoria;  
Pois este bello trabalho,  
Que jaz aqui a granel,  
Foi feito para o quartel,  
Nos tempos de grande fama,  
Mas, pela força da sorte,

Veio aqui achar a morte  
Todo enterrado na lama !

Onde estás, Dique afamado,  
Que não ouves meus lamentos ?  
Vem contar-me teu passado,  
Teus amargos sentimentos !  
Que fim levou teu destino ?  
Onde estão teus protectores,  
Vulgarmente conhecidos  
Por *finorios* comedores ?  
Falla, Dique, estás callado ?  
Põe a vergonha de um lado;  
Diz-me aqui muito em segredo,  
Coim véras; não tenhas mêdo,  
Onde estão esses dinheiros  
Tão largamente doados ?...  
Ah !... já sei, foram enterrados,  
Com planos imaginarios,  
Nos cofres dos empresarios,  
Nos bolsos dos engenheiros ! !

Tens razão; cruel verdade !  
No triste estado em que stás,  
És <sup>o</sup> companheiro do Caes,  
Vergonhas desta cidade ! !

○ Sigamos novo trajecto,  
É mister tomar o *bond*,  
Vamos ver outro projecto,  
Que lá nos mattos se esconde.

~~~~~

Chegamos; pára, cocheiro,
Junto á ponte do Cutim;
Nesta estrada tão ruim
Tu serás meu companheiro.
Entremos nesta picada,
Por entre verde espessura,
Vamos ver a projectada
Escola de agricultura.
Lá verás lindas crianças,
Na grande lida aratoria,
Dando bellas esperanças
De bons futuros de gloria.

Entremos... Porem que vejo ? !
Que differença tamanha !
Esta terra não se amanha !
Neste pomar resequido
Semente alguma se pôz !
Tudo aqui respira mágoa,
Pois até á beira d'agua
Nasce o cardo, em vez de arroz !

Onde estão esses trabalhos,
Productos dos aprendizes ?
Quem plantou tão grossos galhos,
Tão seculares raizes ?
Ah ! terrenos infelizes,
Que sorte vos aguardava !
Onde o milho se esperava,
Nasce a ortiga mais viva !
Não ha signaes de lavoura,
Nem mostras de plantaço !

Nem uma flor de algodão !
Nem mesmo um pé de maniva !

Que horrivel transformação !
Lá naquelle alojamento,
Guarida dos lavradores,
Tem hoje um destacamento,
De soldados caçadores !
No logar das sementeiras
E dos arados da roça,
Ha balas e granadeiras,
Cartuchos e polv'ra grossa !

Aquelle plano de escola
Foi obra d'um presidente;
Mas, outro mais criançola,
Fabricando um relatorio,
Mudou tudo incontinentemente;
Pois, com fino palavrório,
Desperdiçando papel,
Fez das roças um quartel,
Da casa—um laboratorio !

Voltemos para a cidade;
Vamos, que o *bond* já parte;
Vamos ver bellezas d'arte
Chegadas d'outros paizes.
São bonitos chafarizes
De bella côr encarnada,
Nasceram em tempos felizes
Da Companhia quebrada !

Não tem d'agua um só esguicho,
Os canos estão furados,
Mas, mesmo assim desprezados,
São depositos de lixo !

Que bello sonho dourado
Teve um dia este bom povo,
Quando vio trabalho novo,
Esburacando a cidade !
Era tudo novidade,
Cada qual formava um plano
De ter agua em todo o anno,
Posta em casa, a cinco reis;
Outros deixaram a lavoura,
Por esta empresa de fama,
Mas, por pouco duradoura,
Deram com as ventas na lama !

Hoje tudo são ruinas,
Como destroços de guerra;
As fontes estão quebradas,
Os canos surgem da terra !
O Anil corre indolente
Sobre seu leito de areia;
Muita gente está contente,
Devendo estar na cadeia !
Nesta cidade passeia,
Com foros de fidalguia,
Muito *heróe* que enriqueceo
Com grande patifaria,

Em quanto os miseros pobres
Vivem chorando seus cobres!

.....

É assim que a minha terra,
Das miserias na vanguarda,
Vai deixando à retaguarda
Um passado escandaloso;
Pois, si um plano proveitoso
No futuro se desdobra,
Um letreiro antes da obra
Faz-se logo de repente,
Para mostrar-se vaidoso
O nome d'um presidente.

Des letreiros a mania,
Como da obra signal,
Inspira a qualquer mortal
Um pensamento funereo;
Pois quem chega à capital
Julga estar n'um cemiterio,
Vendo surgir imponente
Em cada canto uma pedra,
Cada pedra com seu nome,
Cada nome—um presidente!

Antes do proprio orçamento,
Faz-se da pedra o desenho,
Onde se escreve o serviço,
Prestado com grande emperho
Por um, dois, ou tres sujeitos,
Governantes desta terra.

Por exemplo:—uma lá figura
 Porque teve a grande idéa;
 Outro só por impostura,
 E mais um p'ra ser fallado;
 Outro por ter se lembrado,
 Como um fim de economia,
 De collocar no telhado
 Grandes canudos de calha;
 Um porque fez a cimalha,
 Outro, afinal, por mania !

Duvidam?... Corram a cidade:
 Verão por beccos e ruas,
 Em grandes paredes nuas,
 Confirmada esta verdade.

Não é moderno este facto,
 Já n'outros tempos se dava,
 Pois até se preparava,
 Com bastante antecedencia,
 O nome de quem se achava
 Dirigindo a Presidencia:
 E para prova fatal
 De tudo que aqui se encerra,
 Vive rolando na terra,
 De Palacio no quintal,
 Uma pedra que alli ha,
 Para uma obra de cá,
 Onde existe o nome illustre
 Do grande Franco de Sá !,

.....

Tenho pena, ó Maranhão,
Quando passo na memoria
A miseravel historia
De tua vida vergonhosa !
Uma imagem luctuosa
Vem me occupar a lembrança,
E cortar-me a esperanza
De ver-te feliz um dia !
Em quanto a vil zombaria
Teu destino acompanhar,
E nos degrãos do teu throno
Se assentar o servilismo,
Por certo que te abandono
Nesse insondavel abysmo;
Pois, onde impéra o cynismo,
Contra os dictames do Rei,
Não ha justiça, nem lei,
Cáe por terra o patriotismo !

1875.



A CARIDADE.

RECITADA NO THEATRO S. LUIZ, POR OCCASIÃO DO BENEFICIO
CONCEDIDO Á UMA FAMILIA VICTIMA DO INCENDIO DE

18 DO CORRENTE.

E EM FAVOR DA LIBERDADE DE UMA ESCRAVA.

Calem-se, ó echos do mundo,
Loucuras e vãs chimeras,
Que outras phrâses mais sinceras
Falla a voz da humanidade;
Pois nos lances da desgraça
Todo o prazer desaparece,
A propria lei emmudece,
Quando falla a Caridade !

Calai-vos ! Nas tristes sombras
Do tempo, que vai passando,
Vê-se a desgraça agitando
Sua negra fouce de horrores;
Naquelle pélago immenso
Geme a victima innocente,
Ri-se a fera impunemente,
Do sacrificio das dôres !

Olhai, povos deshumanos,
Quanta vida alli se acaba,
Quanta riqueza desaba,
Quanto futuro se corta !
Alli geme a mãe afflicta,
Acolá, tristonha e bella,
Chora a formosa donzella
Fagueira esperança morta !

Vêde como a tempestade
Da vida, que se desprende,
Suas duras garras estende
Com estampido medonho !
Alli morreo a esperança . . .
Nos paroxismos da vida
Foi a ventura perdida,
A felicidade foi sonho !

Porém . . . olhai, entre os vultos
Dos espectros da desgraça,
Livida sombra que passa,
Como um anjo que divaga.
Tem na frente a paz serena,
Na dextra do Justo a palma,
E no rosto, espelho d'alma,
Tem um sorriso que afaga.

Qual esse vulto que affronta
Negros azares da sorte,
E nos destroços da morte
Vem plantar a felicidade ?

Não é sonho de poeta,
Tem mais santa e nobre essencia,
O seu nome é—Providencia,
A sua missão—Caridade !

D'alli surge alta opulencia
Com sua bolsa rica e nobre;
D'acólá misero pobre
Traz uma offerta sincera;
A desventura sorri-se,
Cala-se a voz da descrença,
E o filho augusto da imprensa
Tão grande feito venera !

Rija cadeia de amigos
Tece conjuncto tão bello,
Cada patria forma um elo,
Tudo traduz igualdade;
Pois nos lances da desgraça
Acabam-se as distincções,
Não se conhecem nações
Quando impéra a Caridade !

Eia, pois, almas ditosas,
Exultai com vossos feitos,
Que nos mais sinceros peitos
Plantastes a gratidão !
Folga tambem, desventura,
Pois quando o Ceo se escurece,
Si a humanidade padece,
Vem de Deus a protecção !

30 de outubro de 1875.

O MUNDO DE PERFIL.

Periculum dicendi non recuso.

CICERO.

I

Cansado das fadigas que se encontram
 No constante volver da lida humana,
 Onde cada prazer é—um espinho,
 Cada flor que se colhe—uma lagarta,
 Cada meiga mulher—fúria de saia,
 Cada homem de bem—pôço de lama;
 Quero desenrolar, por desenfado,
 O panno enxovalhado de mil côres,
 Que dos olhos do mundo esconde os erros,
 As verdades, mentiras e costumes,
 Que servem de relevo á muitas cousas,
 Que a onda social chama—progresso!

Este mundo é composto de mazellas,
 É um quadro pintado de figuras,
 Com cabeças de burro em transparente;
 É um sarapatel, uma salada,
 Onde serve de sal—a zombaria,
 De vinagre—a lisonja, e do legume,
 Que se come cortado em pedacinhos,
 —O sagrado brazão da honra alheia!

Cada cousa perdeu seu nome proprio:
 O que era calóte em tempo antigo
 É—*palavra de honra* no presente;
 A feiura se chama—*simpathia*,
 O orgulho—*bondade*, o sabio—*tolo*,
 O pedante—*colosso de talento*,
 Viver-se de furtar se diz—*agencia* !

Este seculo de luzes revestido,
 Em que o brio é palavra ignorada,
 A virtude—uma flor que ja morreo,
 E a vil adulação—grato tempero,
 Que dá gosto á *panella* do fidalgo,
 É um vasto salão, onde quem entra
 Deve logo, p'ra ser bem recebido,
 Deixar de ser honrado e ser patife;
 É um grande armazem onde se vende,
 Illudindo-se a fê do comprador,
 Muita *fazenda fina* avariada !...

II

Entre os grandes innumerados poderes,
 Que na terra creou a natureza,
 Envolvido no mar tempestuoso
 Das grandes gerações que se succedem,
 Como gigante rei enthronisado,
 "Que," affrontando o poder que rege um povo,
 Calca aos pés, orgulhoso, humana força,
 É somente o dinheiro o que mais forte
 Dominio soberano patentêa !

Ó dinheiro, dinheiro, eu te admiro !
Perante o solio teu vê-se prostrado
O rico ignorante, o sabio pobre,
Á tua magica voz rendendo preitos,
Muito embora na lama da deshonra
Tenha de mergulhar seus brios todos !
Essas ostentações grandes e fôfas,
Por fidalgos brazões auctorisadas,
Que o mundo social acceita e louva;
Essas honras que ás vezes se descobrem
N'uma farda bordada, ou no recinto
De dourados salões, d'onde a virtude
Banida foi, então, por mãos profanas,
São escravas de ti, por lei da força !
Muitas vezes se vê, máo grado as leis,
Na toga magistral, onde a justiça
Devera imperio ter e ser guardada,
Brilhar no peito ufano uma commenda,
Como paga do brio e da vergonha,
Que perderam-se alli por obra tua!
Reconheces por lei o despotismo,
Elevas a deshonra á par da gloria,
E rebaixas a virtude á par do crime !

Que progresso, meu Deus, que mundo torto !...

Dona Rosa Ermelinda Epaminondas,
Terna mãe de Francisco Apolinario,
Que na guerra fatal da Balaiada

Grandes feitos mostrou, vertendo o sangue
 Em prol da liberdade, em prol da honra,
 Passa vida de cão, sem ter asylo,
 Supportando da fome a dura prova,
 Esquecida da patria e desse povo,
 Que na luta cruel do despotismo
 Vio seu filho morrer honrado e nobre !
 Porem, Chica Pulqueria dos Prazeres,
 Cujo pai foi tendeiro, ella parteira,
 E seu filho João, rapaz *esperto* . . .
 Patolêa de *truz* nas eleições
 E capacho de quanto pretendente
 Lhe deseja chuchar na urna o voto,
 É hoje alta senhora e Baroneza,
 Tem carrinhos, lacaïos, palacetes,
 Excellencia *de jure*, e mais ainda,
 Tem emprego no Paço e ganha cobres !

Ora, diga quem for de consciencia
Quem pode ser juiz com taes mordomos !

III

Eu vejo com pezar todos os dias
 O mto rumo que levam certas cousas,
 Que são dôres p'ra uns, têtas p'ra outros:
 Vejo pontes, canaes, diques, estradas,
 Servindo de pretexto à mamadeiras,
 Que se chamam—*serviços relevantes* !

Promulga-se uma lei de patronato,
 Onde cada matuto deputado,
 Em paga do papel que representa,

Assigna a ladroeira *in fide parochi!*
 Executa-se a lei á *bem* do povo,
 A despeza se faz, paga-se a conta,
 Concede-se ordenado ao meliante
 Que mais geito apresenta de velhaco...
 E no fim do negocio o lôgro é certo:
 A obra não se fez, a patria soffre.
 O producto da lei não deo um passo,
 Só mudou de lugar o grosso cobre,
 Que do magro thesouro fez viagem
 Para o bolso profundo do tratante,
 Que o contracto apellida *d'empresario!*

Quando o mappa geral do novo mundo
 Orgulhoso apresenta ás gerações
 O passo agigantado que tem dado
 Na senda do progresso a velha Europa,
 É vergonha p'ra nós ver-se o Brazil
 (Thesouro de riquezas abundantes)
 Fazendo no theatro deste seculo
 Um papel de palhaço chocarreiro!
 É vergonha (sustento) haver nos bancos
 Da casa, que faz leis, gente assentada
 Que nem sabe dizer, quando pequena,
 Qual foi o seu viver na mangedôra!
 Mas, a culpa quem tem? o proprio povo,
 Que, não sendo zeloso do seu brio,
 Agarra no talento e da-lhe um couce,
 E procura um camêlo e o faz legista!

Estas duras verdades, que descrevo
 Despidas dos ornatos pestilentos,
 Oriundos da vil hypocrisia,

São das luzes do século resplendores,
 São perfumes das flores que embellezam
 Do mundo social a fronte impura,
 E fagulhas do fogo do *progresso*,
 Que illumina o altar do servilismo !

IV

É um tolo chapado quem sustenta
 Que este mundo é redondo e não quadrado.
 Um amigo chistoso e de talento
 (Rapaz que eu conheci desde criança)
 Já provou uma vez a quadratura
 Desta cousa que o povo chama—mundo.
 Elle tinha razão, e eu confirmo
 Que é cubico quadrado, de seis faces,
 Que se move rolando aos pontapés,
 Como rola nas mesas das orgias,
 Com força muscular, dado nojento.

Já se vê que o tal mundo é bom ou máo,
 Conforme o trambolhão que lhe vão dando
 As diversas camadas sociaes:
 E portanto, provado como está,
 Que quem mais bruto é, mais força tem,
 Fica sem mais questão também provado
 Que a parte que mais faz girar o mundo,
 É composta de burros e camêlos !
 Entretanto, este povo atoleimado,
 Que soffre os empurrões daquelles brutos,
 Proclama em altas vozes que o progresso
 Vai tomando uma forma gigantesca !

E eu acho razão nesta tolice,
E a prova vou dar; analysemos:—

Inda hontem nas ruas, de tamancos,
Com felpuda camisa acobertado,
Calcinhas de riscado abotoadas
Por grossos suspensorios de cõrrentes,
Andava *Sór* Fulano amanteigado,
Procurando um cantinho n'uma porta,
Onde a pobre bagagem recolhesse,
Composta d'um chapéo de baetilha,
Uma caixa de pinho e dez colletes !
Mas hoje (que milagre !) esse labrego
É dono desta terra abençoada,
Deste rico Brazil, terra de tolos,
Onde é Conde e Barão, burro e letrado,
Ostentando impostura afidalgada,
De commenda no peito e luva branca !

Não ha como ser burro e ter puxado,
Na terra de Camões, carro de lixo !

Nesta massa, que o mundo chama —povo,
São tantas as caretas e retratos,
Costumes, falsidades e mentiras,
Que difficil será pegar-se um homem
E dizer com certeza—este é de bem !

(É preciso notar que eu disse apenas
Difficil d'encontrar, não *impossivel*.)

V

Eu sou de opinião que neste mundo
A gente nunca perde por ser franco;
Todavia, por ter eu já fallado
Com justiça e razão dessas comedias,
Que o mundo, sem vergonha, representa,
Sou por todos julgado em demasia,
Como austéro no modo e nas maneiras
Porque fallo dos homens e das cousas;
Mas isto pouco importa a quem reveste
Das côres da verdade os seus desenhos.

A prova de que a droga receitada
Na chaga penetrou com muito acerto,
É o grito queixoso do doente;
E por isso reclame o mundo inteiro
Contra as duras verdades que descrevo,
Que em quanto houver papel, tinta e canêta,
(Porque lapis não presta, apaga logo)
Hei de sempre traçar com riscos grossos
As figuras ratonas, desfructaveis
De certos personagens deste mundo,
Onde impéra a mentira, de mãos dadas
Com a vil hypocrisia, em throno d'ouro!

Convido os meus leitores curiosos
Para commigo verem de mais perto
Esses vultos do mundo, esses palhaços,
Que fazem carnaval no anno inteiro,
Horriveis, macilentos, descarnados,
Affectando de bons, sendo velhacos,
Ostentando talento, e sendo burros.

Um padre, por exemplo:—o que é um padre ?
 —É um homem vestido de sotaina,
 Que mostra ser beato, á par dos velhos,
 Mas dança o seu fandango, á par das moças,
 Ao som do bandolim repinicado,
 Tangido pelas mãos do Sachristão.
 É um homem que prêga a castidade,
 Mas faz garbo dos foros de devasso !
 (Por amor da verdade é da justiça,
 Eu abro nesta regra uma excepção.)

Vejamos um soldado, analysemos
 Esse todo guerreiro e valentão:
 —É um triste comparsa de comedia,
 De farda, barretina e clavinote,
 De barriga vazia, o bolso chato,
 A patrona repleta de cartuchos,
 Rodeado de filhos e parentes,
 Que marcha para a guerra tão depressa,
 Como foge de lá quem os governa !
 É um homem, que vive p'ra ser morto,
 Em lugar de um herôe agaloado,
 Que foge lá da morte p'ra ter vida,
 Coberto de commendas e fitinhas,
 Lentejoulas, latão, malacachetas,
 Cobre velho, missangas, trapalhadas,
 E quanta *bugiganga* se imagina !

Em vista deste quadro em aguarella,
 Quem quizer ter diploma de basbaque,
 Não tenha amor ao brio e assente praça.

Lá vem um figurão: Sabeis quem é
 Aquelle rapazote de bigodes,
 Com pomada de Hollanda nos cabellos,
 Da testa até a nuca divididos,
 De surrado casaco, sem ter pello,
 De calças nos assentos remendadas,
 Á lançar de cigarro um cheiro horrivel?
 —É do publico emprego um servidor;
 É um homem que leva um mez inteiro
 De caneta na mão, mas sem ter tinta,
 De papel estendido sobre a mesa,
 Mas apenas lançando n'elle as letras
 Quando o chefe mais velho (outro vadio)
 Lhe passa pela frente disfarçando.
 É um homem que vive atropellado
 Por credores da roupa e do sapato,
 Da casa, da mobilia e do açougue,
 Tendo os bolsos vazios de dinheiro
 E somente contendo papeladas,
 Que são contas e letras por pagar!

Passemos adiante:—Aquella moça,
 Que vai correndo alli, dando pulinhos,
 De botinas de salto e com vestido
 Apertado no corpo e nas *cadeiras*,
 (Que mais parecem bancos de alfaiate,
 Ou tripeças de magro sapateiro)
 É a *ueusa* da moda; é uma tôla,
 Que arregaçã na frente o seu vestido,
 Para ver-se uma perna sem feitio
 E mostrar que tem pés com joanetes.

É rica taboleta de mascate,
 Enfeitada de rendas, alfinetês,
 Retroz, missangas, contas, flores velhas,
 De fitinha encarnada no pescoço,
 De garranchos e matos na cabeça,
 Que me faz recordar, ao vê-la assim,
 Uma rêz quando sáe da capoeira.
 É cabeça á que falta tanto siso
 O quanto de cambraia traz na cauda
 Do franjado vestido de bom prêço,
 Que serve de lambaz ou de vassoura
 Da lama e d'outras cousas da calçada !
 É, afinal, o typo da consorte,
 Que afaga entre sorrisos o marido
 E recebe n'ausencia o primo *Juca!*...

Alonguemos ainda este passeio,
 Voltemos outro canto e penetremos
 Naquelle corredor de pipas cheio;
 Não sabeis o que é? Pois reparaí:—
 É um grande armazem por atacado,
 Que diz vender vinagre, vinho verde,
 Cachaça, azeite doce e macarrão,
 Presuntos e chouriços lá da terra,
 Donde vem—portuguez e pão de rala—;
 Porem daquellas pipas bem no fundo,
 Uma lata lacrada, occulta e cheia
 De certos papeisinhos de valor,
 (Que são filhos de cá nascidos lá)
 Veio dentro boiando, como hoiam,
 Entre a gente de bem, estes tratantes!...

Busquemos outro typo entre as camadas
 Do mundo das sciencias sociaes.
 Vejamos que figura representa
 Um homem que alli vai com passo firme,
 Com ares de impostura requintada:
 —Veio ha pouco de Olinda; alli viveo
 Entre amigos da moda uns cinco annos;
 Seu nome, que traduz a descendencia
 De nobres gerações de sangue azul,
 Corre de bocca em bocca apregoado
 Como um genio em Direito, e como ainda
 Um modelo de honra o mais perfeito.

E é pura verdade. O seu talento
 É pouco mais ou menos revelado
 Da seguinte maneira:—Fez exame
 Das quatro operações, foi approvado;
 Deo—*Duarte*—de côr; conhece o nome
 De—*Pimenta Bueno*—, e tem lembrança
 D'um tal—*Ferreira Borges*—, Sabe ainda
 Chamar—*Pereira e Sousa*—à cada instante,
 E falla de *membranas*... e *tecidos*...
Arterias... e *lesões*... citando—*Orfila*!

3
 Mas esse mesmo nome, esse talento,
 Que brilha nos annaes da academia,
 Brilha tambem no livro do logista,
 e Do^{2o} pobre sapateiro, e do mascate,
 Do misero alfaiate, e no caderno
 De quantos boçequins ha na cidade!

É formado em direito, é bacharel,
 Deve ser preferido nos concursos;
 Mas...depois de passar tantas vigílias,
 E provar que não é um—*João Fernandes*,
 Vai servir em qualquer secretaria...
 Ser simples escrivão d'algum cartorio...
 Interino fiscal de companhias...
 Ou sota-carcereiro de provincia!!!

Vamos ver, afinal, mais outro typo.
 Que altivo se destaca em moldurado
 N'um caixilho de pão, com frisos d'ouro!

—Que garbo militar!... que passo firme!...
 Como ficam-lhe bem tantos bordados!
 Que porte tão gentil!... que rica estampa!...
 Si a belleza lhe fosse mais propicia,
 E mais prodiga ainda a natureza,
 Era, por certo, o molde apropriado
 D'um valete de páos de cartas finas!
 Na larga frente sua, esperançosa,
 Brilha da luz do genio o facho nobre;
 No *craneo pensador* fervem, constantes,
 Principios colossaes d'altas *financas*!

Na cadeira elevada, onde se assenta,
 Enroscam-se nos pés nojentos vermes,
 De varias condições, varias especies:
 Alli morde a calunnia a honra alheia;
 Mais alem beija a terra o servilismo;
 Surge acolá soberbo caudatario,
 Que se estende no chão como um capacho!

Á par desta figura agaloada,
 Que a lei classificou de—*presidente*,
 Vive cheirando o pó dos reposteiros
 O vil bajulador, *filho das ervas*...
 Nascido na maré das enxurradas,
 Como parto fatal de rego immundo !...

Exulta, ò grande, illustre auctoridade,
 Que de taes reptis vives cercada !
 O mundo inteiro pasma ao ver-te agora
 Tão ingenuo... tão moço... e já tão grande !...
 Bem haja quem te pôz nas mãos a redea
 Do governo feudal desta cidade !
 Si teu nome immortal, em letras d'ouro,
 N'uma pedra em relevo não recorda
 Um só dos feitos teus nesta provincia,
 Seja ao menos na vida o teu consolo
 A lembrança de ser tua fama illustre
 Por mim hoje cantada em verso chulo,
 Como outr'ora cantaste em prosa *rica*
 O vate immorredor da *heroida grega* !

Sim; consola-te, amigo; as tuas façanhas
 Jamais serão por outros imitadas;
 Pois, bem como *Samsão*, que uma queixada
 De burro manejou contra mil homens,
 Tu, com a penna na mão, sem ter queixada,
 De vinte e seis honrados funcionarios
 D'uma assentada só tiraste o pão !!!

Basta já, meu leitor, estou cansado
De ver tantas caretas e retratos,
Que se agitam no mundo, sem vergonha !
É grande a collecção destes comparsas,
Que fazem seu papel tanto mais triste,
Quanto mais elevada é a cadeira,
Que serve de peanha a taes figuras !
Muito tinha á mostrar... porem não posso;
Mais tarde, em nova tela assetinada
Heide pôr-lhes a cara em transparente
E tirar-lhes o corpo de perfil !

Setembro—1875.



TODOS BEBEM.

(SCENA COMICA.)

O theatro representa uma praça publica. O personagem entra ensaiando os primeiros balanços de uma embriaguez promettedora, e traz uma garrafa na mão. Vestuario á caracter.

Não pensem que estou borracho...
 Não ha tal; isto é nervoso...
 Nem julguem que isto é cachaça, (1)
 Não, senhor, é mel vinhoso;
 É um pouco esp'rituoso...
 Mas, bebendo-se com geito,
 Não é com quatro ou seis copos
 Que se embebêda um sujeito.

É puro, não tem mistura,
 É de fructos escolhidos,
 Mas não puro como eu vejo
 Na política os partidos;

(1) *Indicando a garrafa.*

Esses grupos reunidos
São iguaes á trapalhada,
Que em linguagem de taverna
Nós chamamos—*misturada*.

Hoje em dia isto é progresso,
Já não é vicio, é mania;
Não se diz mais—*carraspana*,
Se chama—*philosophia*.
É a palavra do dia;
Quem cae na rua borracho,
Não se diz que é bebedeira:
—Tropeçou n'algum capacho...

Mas isto é só com os fidalgos,
Comnosco a cousa é diversa;
No pobre o beber é vicio,
No rico é luxo... é conversa!...
Que cambada tão perversa!
Não ha quem bem a deslinda;
Si é plebeu—tomou a *môna*,
Si é fidalgo—fez um brinde!

Todos bebem. Por exemplo:—
Qualquer finorio empregado,
Quando quer *molhar o bico*,
Allega que está suado;
Mas, si bebe um bom bocado
E cae deveras no vicio,
Adeus trabalko... adeus penna...
Não faz nem mais um officio!

Os ricos negociantes,
 Quando soffrem sua desgraça,
 Não é quebra, é *môna* certa,
 Tomada mesmo na praça:
 E si alguém, que junto passa,
 Da bebida sente o cheiro,
 Dizem logo:—*não sou eu,*
Isto é cousa do caireiro.—

Um militar destemido,
 Quando virem que está têzo,
 Não é de garbo, é da força
 Do vinho, que lhe faz pêso;
 Pode por isso ser prezo,
 Mas quando sae do xadrez
 E dão-lhe o soldo atrasado,
 É *môna* certa outra vez!

Até padres (que vergonha!)
 Já de meias encarnadas,
 Tenho visto algumas vezes
 Dando na rua—*topadas*...
 E si desde as madrugadas
 O tal desejo os atiga...
 Elles não vão á taverna,
 Mas bebem mesmo na missa!

A bebida entre os doctores,
 Sim, senhor, já ha quem veja;

E com quanto bebam d'isto, (1)
 Só dizem:—*tomei cerveja!*
 Pois muito bem, vá que seja,
 Façam da pinga um mysterio,
 Mas quando beberem, durmam,
 Não offendam o magisterio!

E outros destes bregeiros,
 Formados em medicina,
 Vão visitar seus doentes,
 Já tendo dado na *fiua!*...
 E assim nesta mofina
 Se metem a curar os pobres,
 Si o doente bebe a dôse,
 Morreo... mas ganham-se os cobres!

Mesmo um *chic petit maitre*,
 Quando, fallando, dá séca,
 Não julguem qu'elle é verboso,
 Não, senhor, é *canuêca!*...
 Mas esta gente não pecca,
 Pois quem os vê a tombar
 Diz logo:—é callo nos pés.
Cotado, não pode andar!

E certa classe que toca
 Rabeca, flauta e tambores,
 Clarinetas e trompas,
 Sendo finos bebedores!...

o

(1) *Indicando a garrafa.*

(Eu não fallo com os senhores) (1)
 Esses vivem acostumados,
 E quanto mais elles *tocam*...
 Mais andam *desafinados* !...

Até lá no parlamento,
 Homens serios, verdadeiros,
 Às vezes fazem discursos
 Já um pouco *espingardeiros* !...
 E si algum destes bregeiros
 Fica bastante pesado,
 Não comprehende mais nada,
 Mas vai dizendo—apoiado !

Deixem fallar, todos bebem,
 Não é calúnnia esta fama;
 Si um Barão não cõe na rua,
 Vai cahir mesmo na cama.
 E a voz do povo inda clama
 Contra alguém mais eminente,
 Houve até quem já dissesse
 Que bebia um Presidente !

Que frade bebe, isto é velho !
 Mas bebe sem compaixão,
 E quando rezando cõe,
 Figura que beija o chão !
 Por fallar neste ratão,
 Já vi um Bispo... (caluda !

(1) *Dirigindo-se á orchestra.*

Estes bebem, mas não cahem,
Pois o cajado os ajuda.)

Até mesmo tenho visto
Mocinhas namoradeiras,
De toucados enfeitados,
Mas com grandes *cabelleiras* . . .
E si ellas pintam, faceiras,
O rosto com pó de arroz,
É porque querem occultar
A côr que o vinho lhes pôz !

Porem o que me amolina
É não ter uma bitôla,
Que iguale todos aquelles,
Que estudam na mesma escola . . .
Exemplo:—Um pobre de esmola,
Quando bebe é—*bebedeira*,
Operario é—*iscação*,
Empregado é—*cabelleir* .

No commercio se diz—*moína*,
No rico se chama—*touca*,
Nos bachareis é—*moafa*,
Nos padres é—*fazer bocca*;
E ainda esta lista é pouca:
No militar é—*fardado*,
No estrangeiro é—*splen*,
Nos escrivães—*pé molhado*.

Nas moças é—*enraqueca*,
Nos velhos se diz—*chilado*.

Nos fidalgos é—*bicudo*,
 Nos Barões é—*constipado*.
 E tudo bem explicado
 É *carraspana*, é *penacho*,
 É *perúa*, é *gato*, é *bicho*,
 E quem mata o bicho é *borracho* !

E por causa destas cousas.
 Que a gente faz sem malicia,
 Acontece muitas vezes
 Ir dormir-se na Policia;
 Quando até mesmo a Policia...
 (Não está ahi o Delegado?) (1)
 Lá pela verba secreta,
 Também *chupa* seu bocado !

Basta de séca, está tarde,
Vosmecês estão massados...
 Vejo que alguns já tem somno,
 Outros os olhos pesados...
 Já sei... estão desculpados... (2)
 Quem está cansado repousa;
 Eu perrebo o que isso é...
 Não é mais nada... é a *cousa*... (3)

Quanto á vos, minhas senhoras,
 Não desejo dizer nada,
 Porque não quero que alguma
 Se ausente d'aqui zangada;

- (1) *Fallando á platêa á meia voz.*
 (2) *Sorrindo com malicia.*
 (3) *Com intenção.*

Mas sempre, por caçoada,
Direi (embora me affoite)
Si aquelles tomão de dia, (1)
Vosmecés tomão de noite ! (2)

- (1) *Indicando a platêa.*
(2) *Fazendo acção de beber.*



A GUERRA.

(Á JOSÉ EDUARDO TEIXEIRA DE SOUZA.)

Um dos maiores horrores da guerra consiste em que grande parte dos que mativamente se assassinam amar-se-hiam, se pudessem comprehender, se a fundo.

DORAT.

Todas as vezes que duas nações, perturbando a calma e a tranquillidade de seus povos, lançam mão das armas para, com a lei da força, fazer prevalecer os seus direitos, sem outra ambição mais do que destruir os elementos de seus adversarios; todas as vezes que a victoria de uma causa se aquilata pelo maior ou menor numero de cadaveres, pela maior ou menor quantidade de sangue derramado;—a nobreza da luta perde completamente o character de justa, em face do grito doloroso que exhala a humanidade e que vai ecoar nas abobadas gigantescas do sanctuario da religião.

O movimento que tem por origem o aniquilamento dos homens, a profanação da existencia e o desprezo total das doutrinas evangelicas, não pode deixar de ser reputado como um facto repugnante aos olhos do mundo,

como uma aberração do espirito humano, embora elle pretenda traduzir a civilisação de um povo ou a perfectibilidade e supremacia de seu governo.

Desgraçadamente a robustez destas verdades ainda não conseguiu derribar de seu throno de sangue o repulsivo imperio da força.

A luz da evidencia ainda não pode esclarecer a cegueira do homem. As trévas da intelligencia ainda não foram tocadas por essa centelha divina, que illumina as paginas de ouro dos livros santos.

A civilisação das raças limita-se a um simples aperfeiçoamento de formas exteriores, emquanto que as lavas destruidoras da descrença estendem-se pelas profundezas dos abysmos e deslocam uma por uma todas as pedras dos alicerces desse fragil monumento.

A historia das nações apregôa a sabedoria de seus povos, e o homem do seculo tactêa nas trevas da ignorancia !

Eis em resumo a fonte impura donde nasce esse regimen social mal educado que todos os dias nos arrasta á pratica de verdadeiros crimes, disfarçados com a mascara dos direitos politicos.

A guerra, esse flagello que assignala a sua passagem com lagos de sangue, com montões de cabeças decepadas e coim o echo dolorido dos gemidos das victimas, é o facto material que decide dos direitos de dous governos; que firma a sua reputação na assemblêa das nações !

Terrivel realidade !

Quereis de mais perto compulsar uma por uma as paginas intimas da historia de uma batalha ?

Revesti-vos de coragem; collocai a mascara cynica

da indiferença; destrui os órgãos do sentimentalismo; tornai-vos de marmore e penetrai n'um campo de batalha.

Vêde essa massa informe; admirai esse montão de ruínas; examinai esse quadro da natureza agonizando, esse conjuncto abominavel da victima e do algoz, ligados pelo laço indissolúvel da morte, e tereis então diante dos olhos uma pagina negra da vida humana, traduzindo a gloria de uma nação !

Eis o quadro:

Uma nuvem de fumo desenrola-se vagarosa em uma atmospherá impregnada de miasmas. O sol que se levanta por detraz de uma collina escarpada, reflecte seus raios na superficie de um lago de sangue. Sobre o angulo de uma pedra, deslocada das muralhas de uma fortaleza, descansa um craneo despedaçado, cujos cabellos brancos contrastam com os labios arroxeados de uma chaga gotejante. Mais além uma figura humana exhala o ultimo suspiro rojando pela terra a fronte enrugada, como o reptil que serpêa por entre a folhagem secca do bosque. O echo dos gemidos perde-se no espaço, como o som de uma corda vibrada na entoação de um carmen. Lá onde a terra mais desaparece, coberta pelos corpos hirtos e gelados dos cadaveres, uma columna de fumo fetido domina as chammas azuladas de uma fogueira de membros mutilados.

Como um phantasma que vaguêa entre as sombras dos sepulchros, vê-se um vulto revolvendo os seios ainda quentes das victimas, e arrancando á umas— a joia de valor, que encerra o retrato de uma esposa

desventurada; á outras—um anel, onde se encontram os louros cabellos de um innocente orphão; á estas—um penhor de amisade de uma irmã inconsolavel; áquellas—o sagrado thesouro de uma imagem, onde ainda se percebe o signal do beijo de uma mãe desamparada!

Eis a guerra!!!

Ah! como deve ser dolorosa e pungente a contemplação deste quadro, em que a idéa de Deus foi esquecida pela obra da destruição!

Será possivel que as côres negras e hediondas desta scena não façam paralyzar a marcha inconsiderada e sacrilega, que ha longos seculos se observa na vida dos povos?

Será crível que a victoria de uma luta entre dous corpos só se possa adquirir pela queda de um delles?

Não!

A força das armas pode ceder lugar ao poder da palavra.

O bronze dos canhões pode servir de tribuna á eloquencia do genio.

Aos planos e estrategias de batalha pode succeder a discussão calma e reflectida da mais apurada diplomacia.

Quando os cultores da civilisação conseguirem plantar esta arvore regeneradora na estrada da vida dos povos; quando os poderes constituídos tiverem operado esta revolução no mundo social; quando enfim a humanidade tiver consciencia de que sua existencia não é o preço porque muitas vezes se compra a satisfação de um capricho, ou a realisação de ephemera ambição; então o espectáculo será grandioso.

O livro da historia dos governos encerrará paginas

ainda mais gloriosas; a derrota moral dos antagonistas será uma lição mutua para as nações contendoras, um incentivo de estudo para as gerações futuras.

Então, sim:—Erguei-vos, nações do novo mundo! Subi os degrãos do throno civilizador, e, com a fronte elevada e a consciencia tranquilla, discuti e conquistai os vossos direitos extorquidos, sem embotar o gume de vossas espadas nos membros da humanidade, nem manchar a vossa toga de neve no sangue das victimas.



À PROPOSITO

DE

TROPMANN.

(FOLHETIM.)

I

Ha cinco mezes que o espirito publico de Pariz se acha como que exclusivamente distrahido na contemplação e analyse das peripecias do grande drama de sangue, que alli teve lugar na noite 19 de setembro do anno passado,

O horrivel assassinato da familia Kinek, pelo joven Tropmann tem sido com justa razão o motivo de largas e indignadas discussões, nos circulos de todos quantos possuem os verdadeiros sentimentos, que caracterizam o coração humano.

Em face de um crime tão horroroso, praticado sem um motivo, que pelo menos o explique satisfactoria-mente perante o conceito publico; e de mais, commetido por um mancebo, cuja familia não tinha até então sido manchada com a pratica de outro qualquer acto, que pudesse ser considerado como menos justo; o nosso espirito experimenta um choque indescriptivel e a nossa

razão se perde em um turbilhão de conjecturas, que, por inconsequentes e variadas, mais concorrem para encher-garmos em Tropmann, antes uma fera selvagem, do que um membro de uma familia humana.

Todavia, a realidade existe, e esta confusão de ideas, que nos não deixa discortinar o—possivel—de harmonia com o que a lei natural repelle, não é mais do que uma vertigem de nosso espirito, em presença da face negra do crime!

Tropmann, o nome do assassino por excellencia; do homem sobre quem todas as vistas indignadas convergiam na expectativa do seu fatal destino, acalta de ser inscripto na lista dos justicados, e a sua cabeça de plebeo, rolando pelos degrãos do cadafalso, offereceo às turbas curiosas de Pariz o mesmo espectaculo da cabeça de Luiz XVI!!!

O instrumento de morte, que hoje faz cahir a cabeça do assassino, cortou em outras epochas a vida do soberano, e o que hontem servia para satisfazer as iras de uma republica, completa hoje o cortejo apparatuso da justiça de um governo monarchico!

Terrivel transformação, operada pela marcha caprichosa dos seculos!!

II

Segundo noticia o *Courrier du Havre*, acaba de ser executado na praça da Roquette o feroz assassino da familia Kinck, o monstro da planicie de Pantin.

A justiça do paiz triumphou mais uma vez da estrategia do crime, e a sociedade offendida cortou pela

~~~~~

raiz a planta parasita, que se enroscava nos capiteis das columnas de seu grandioso monumento.

A imprensa descreve esse acto de um modo satisfactorio:

O povo apinhava-se na praça, onde o cadafalso ostentava a sua hediondez. Por entre o susurro abafado das turbaş, ouvia-so o tinir das armas dos gendarmes, que faziam as honras do acto. Grupos sem numero, informes, apinhados, curiosos e indifferentes formavam um mar de cabeças humanas, e em cada uma dellas pairava um pensamento de morte.

De um lado a justiça, a lei, a magistratura e a força com toda a sua gravidade; do outro o crime, a plebe, a desordem e o cynismo no seu maior desenvolvimento.

Ao lado da toga magistral via-se a blusa do operario; á claridade das tochas do sacerdote brilhava o côpo com o vinho das orgias, e o canto monotono da oração funebre ia cêsar-se no espaço com a bulha desenfreada dos *hurrahs*!

Abominavel paralelo, que assim nivela o sagrado com o profano, a materia com o espirito!!

Naquelle banquete de sangue quantas orações serião interrompidas com a imprecação de uma praga! Quantas lagrimas ficaram depositadas nos residuos de um copo!

Era uma lueta de sentimentos diversos.

A justiça ostentava-se sobranceira no seu carro de triumpho, e a sociedade desaffrontada banqueteara-se alegre nos degrãos do cadafalso!

Alli o crime estorcia-se nos parcxismos de uma justa punição, e acolá a virtude cantava hosannas á beira de uma tumba!

De um lado a religião, do outro a apostasia; a razão de harmonia com a loucura; e o arlequim do seculo de mãos dadas com a morte !

### III

França !

Eis o nome diante do qual as nações se curvam e a civilisação emmudece !

O berço da victima de Waterloo é o livro aberto, onde as nações incultas vão beber a instrucção de seus povos; e esse phantasma athletico, que nas sombras da noite vaguêa ao longo dos muros de Santa Helena, faz vacillar nos seus thronos os monarchas da moderna geração.

Todavia, si por um lado a rainha das nações nos modela os passos, por outro nos aponta um abysmo de perdição, e a mesma luz que nos illumina o caminho na marcha do progresso, nos fascina a vista e não nos deixa divulgar o precipicio que margina a estrada.

Como explicar a civilisação de um povo, que repete a dansa das orgias, ensopando os cothurnos do baile no lago de sangue de um condemnado ?

Como conciliar estes extremos da vida, tão oppositos pelos seus principios naturaes ?

Uma cabeça que róla e um cópo, que se eleva, são dois factos que se repellem mutuamente, e que não põem jamais ser tolerados, sem que estale dolorosamente uma por uma todas as cordas do coração humano !

Exulte, embora, a justiça com a rigorosa punição do crime; alegre-se ainda o povo com o gemido da fêra.

mas convem que a plebe desenfreada, na expansão do seu entusiasmo vertiginoso, respeite simultaneamente a purpura sem mancha do Soberano que reina, e as vestes ensanguentadas do assassino que morre!

## IV

Civilisação! Progresso!

Duas palavras brilhantes, que traduzem a educação dos povos, e que representam no mundo politico dois sustentaculos poderosos de uma nação.

Porem, quando o progresso se manifesta, calcando aos pés na sua carreira electrica qualquer dos sentimentos nobres da vida do homem; e quando a civilisação se desenvolve sem a completa observancia da mais pequena lei do Crucificado, a civilisação então é—um mysto de ideas abstractas—e o progresso—uma utopia, apregoada pelos reformadores do seculo.

E em quanto um povo, por mais adestrado que se considere nas lides politicas, não se sentir com forças bastantes para declarar á face do mundo que tem completamente attingido á estas duas qualidades essenciaes de sua educação, convem que modere as suas ambições de ensino, e procure um lugar modesto nas bancadas das nações que aprendem.

1870.

# O DIA DE FINADOS.

(FOLHETIM.)

O cemiterio, a morada dos mortos, o pesadelo dos vivos, o amphitheatro das tumbas offerecia no dia 2 do corrente um espectaculo grandioso e terrivel, imponente e medonho, magestoso e assustador !

O vulto gracioso do arlequin social havia sacudido de seus hombros as vestes da phantasia burlesca, e, transfigurando o rosto, penetrou calmo, taciturno e frio os umbraes gélidos e sombrios do edificio da morte !

O espirito humoristico do mundo vulgar arrancou a mascara da physionomia comica e deixou transparecer, á luz da evidencia, os caracteres indeleveis do homem pensador.

As ideas do scepticismo evaporaram-se ao contacto das emanções dos *fogos-fatuos*, e a luz da realidade brilhou, atravez dos vultos esguios dos mausoléos.

É que entre a aurora da vida e o ocaso da morte existe uma estancia, onde as vaidades do mundo reagem sobre a consciencia do seu nada e levam o homem á convicção de sua fragilidade.

Dominado sem duvida pela força deste raciocinio

inabalavel, visitava o povo no dia 2 do corrente mez as sepulturas dos finados, cujas lousas alvejavam á luz baça e melancolica da lua, que tristemente pairava sobre aquelle campo de lagrimas.

As catacumbas, symmetricamente dispostas ao longo dos muros lateraes, estavam juncadas de flôres, que a mão piedosa de uma mãe ou de um esposo, d'uma irmã ou de um amigo tinha alli depositado, como uma lembrança dos dias da vida, em que os prazeres se multiplicavam na manifestação das afeições mutuas.

Inumeras luzes davam áquelle quadro um aspécto verdadeiramente apparatuso, porem não o apparatuso das galas, em que o brilho dos candelabros resplandece como um sorriso de noiva. Não.

O clarão que derramavam aquelles cirios funebres semelhava-se á fraca luz de uns olhos humidos, onde o halito da morte houvesse imprimido o seu primeiro beijo.

A viração da noite corria branda e vagarosa, como o suspiro de um moribundo, e apenas no imperturbavel silencio dos tumulos se ouvia o murmúrio queixoso da briza por entre os ramos das *casuarinas*.

E a lua prateava o verniz negro das cruces.

Quanta verdade naquelle recinto de luto !

Alli a cruz de ferro, engravada na terra, indicava a sepultura rasa do homem rude, arrancado do labor da vida; acolá uma legenda singela e triste revelava a recordação de um esposo, roubado aos desvelos de uma viuva inconsolavel; mais alem uma corôa de perpetuas traduzia a dôr de uma extremosa mãe; deste lado a cêga vaidade do espirito humano erguia um mausolêo á memoria de um parente abastado, e daquelle outro

lado uma crescida vegetação de plantas agrestes, sobre um monte de terra informe, escondia aos olhos do mundo a cova obscura do homem sem nome!

E tudo era morte!

O mesmo golpe tinha ferido tanto a blusa do operário, como a toga do magistrado!

Os vermes da terra devoravam simultaneamente a fronte laureada do genio e o craneo obcecado do ignorante.

Os cantos da poesia lyrica emmudeceram ao contacto da morte e foram trocados pelos pios agourentos do môcho.

E o tempo corria imperturbavel.

No recanto mais sombrio do cemiterio um soluço abafado sahia de um peito enfraquecido, talvez pela fome!

Que quadro!

A terra... uma cruz... o isolamento... e uma mãe!

Ah! se fosse permittido ao homem devassar a morada dos mortos, o horror se pintaria no semblante do observador, quando, ao revolver aquella terra ainda mal calcada, deparasse com o tronco mutilado de um corpo de mulher!

A juventude, que devera embellezar aquelle rosto de moça estaria contaminado da impureza de um viver infeliz e desgraçado, e nas carnes já putridas daquelle todo sem formas ver-se-hia a obra destruidora de um ferro homicida!

Não foi uma adúltera, que cahio ferida pela mão da justiça; não foi um salteador de estrada, que cevou a sua sêde de ouro com o sangue do viandante; nem tão



pouco foi o desvario de um louco, que consumou aquelle horrendo crime. Não.

Os nomes dos personagens d'esse drama de sangue destroem estas conjecturas. A victima nunca teve ambições de nobreza; chamava-se simplesmente—**MARIA DA CONCEIÇÃO!**

E o algoz?

Os tribunaes em breve proferirão o seu nome ignominioso!

E a lua continuava o seu giro placido e indolente.

De repente o som plangente de uma campá acordou os échos dos tumulos. Um prestito assomou ao portão de ferro do cemiterio e a Imagem do Crucificado dominou resplandecente, cheia de graga e de luz, esse mar de cabeças humanas.

Era o Christo da redempção que ia visitar as tumbas.

O *Miserere mei Deus* vibrou as suas entoações sentidas e repassadas de dor, e mais de uma lagrima se desprendeo das palpebras intumescidas daquelle conjuncto piedoso.

As benções sagradas cahiram, como o orvalho sobre o lyrio, na terra humedecida por tantas lagrimas, e o silencio reinou.

Na tribuna sagrada appareceo a figura veneranda de um capuchinho, e as verdades do Evangelho foram apregoadas com uma eloquencia e sabedoria admiraveis.

Era frei Celestino de Pedávoli. O seu nome é uma garantia na tribuna oratoria.

Os seus argumentos foram magistralmente deduzi-

dos e a sua logica firmou solidamente os alicerces da igreja catholica.

Por nossa parte applaudimos as suas idéas e respeitamos as opiniões contrarias.

Calou-se o orador.

Os instrumentos bellicos deixaram-se ouvir em funeraes sentidos; o prestito moveo-se; o povo prostrou os joelhos em terra...

E o Filho de Deus passou crucificado !

Pouco á pouco foram as luzes ficando baças e taciturnas. As flores começaram a tombar seus calices para o seio da terra. O isolamento das campas foi se pronunciando sensivelmente. O silencio da noite veio acompanhar a mudez dos tumulos. As aves do cemiterio esvoaçaram em torno das cornijas dos mausoléos e foram pousar tristemente nas ameias do sanctuario. Na superficie do sólo surgiram descarnadas as sombras dos monumentos funebres, que alvejam por entre gradis de ferro. Os epitaphios foram-se confundindo com os relevos das lousas. O ultimo visitante transpôz o umbral da porta, que gemeo nos gonzos, como um grito de agonia.

O covreiro havia fechado sua officina de trabalho. Seus passos se perderam nos échos abafados dos muros exteriores.

E só a lua velava, tranquillamente, como uma alampada de prata á beira de uma tumba !

Nada mais !

O tempo proseguia na sua marcha calma e imperturbavel.

O somno estendeo suas azas negras sobre tantas ca-

beças, ha pouco agitadas pela febre das sensações moraes.

A serenidade dos sonhos acalmou os espiritos menos atribulados...

E surgiu o dia.

Os cerebros, que adormeceram sob uma visão de luto, acordaram socegados, ou somente enforpecidos levemente, pelo peso de uma phantasia passageira.

O labor do dia abafou completamente os sentimentos d'alma, que se debatiam na vespera.

Os prazeres do mundo restabeleceram o seu imperio, e o phantasma da morte desapareceu como um relampago nas sombras do passado!

Assim é a vida.

Si o sôpro da morte bafeja um rosto amigo e planta o desespero no seio da familia, o balsamo do céu cae sobre ella impregnado de perfumes santos, e a dôr encontra alivio no soffrimento, como o lyrio frescura no orvalho da madrugada.

Novembro—1873.



# A RELIGIÃO E O SECULO

Quando em todas as partes do mundo a civilização, destruindo erroneos preconceitos, vai progressivamente desenrolando aos olhos dos incredulos o quadro prodigioso das grandes maravilhas, até então desconhecidas e reputadas impossiveis para a concepção humana; quando innumeradas e variadas descobertas, operadas no novo mundo, se apresentam, já em grossas columnas de fumo, que se deslocam no espaço, já na admiravel transmissão electrica do pensamento, encurtando as distancias e reduzindo o tempo; quando, em fim, o estudo e a sabedoria humana assignalam as paginas da historia com um disco luminoso, que perpetua ao mesmo tempo a supremacia do seculo e a ignorancia das gerações passadas; é para lastimar a decadencia da religião, que se nota no espirito ainda mesmo dos mais robustos propagadores do christianismo!

É um escarneo atirado á face da igreja esse conjuncto abominavel da corrupção e da descrença, da heresia e da desmoralisação, que de mãos dadas invade ameacador as portas dos templos, profana os altares, despedaça os Evangelhos, e nestes sacrilegos destroços arvora a bandeira do atheismo e erige um monumento á memoria das doutrinas de Lutero!

O catholicismo fenece de dia em dia; os mais provados e robustecidos dogmas servem de assumpto para conversações epigrammaticas; o culto divino reduz-se á simples festividades de arraial, e as proprias leis do Crucificado são consideradas uma utopia pela bocca de Renan !

Na contemplação deste medonho desmoronamento social, eu estremeço com a só lembrança de como seriam ouvidas as palavras dos antigos patriarchas, si nos viessem hoje pregar as doutrinas da religião, reveladas pelas leis do Divino Mestre.

Seriam ellas recebidas com a mesma effusão de fé dos primitivos tempos ?

A luz que dellas emanaram viria hoje reflectir sobre o indifferentismo, que caracteriza o seculo ?

Não; porque os argumentos falseados de uma philosophia moderna são verdadeiros antagonistas das antigas crenças, e o mesmo movimento que opéra hoje uma maravilha no mundo das sciencias, desloca uma columna gigantesca da igreja catholica !

O choque desenfreado das facções desordenadas, que constituem a politica do paiz, na luta ambiciosa do poder, muito tem concorrido para realisar esta espantosa e sacrilega destruição.

A legislação patria, designando os templos para ser o theatro das asquerosas scenas eleitoraes, lavrou a sentença ignominiosa da profanação e auctorizou com o exemplo a violação das cousas sagradas. D'ahi o miseravel espectáculo que todos os dias presenciamos.

A igreja franquêa as suas portas; o povo em maça penetra como nos salões de um club profano; no presbyterio eleva-se uma mesa, em roda da qual se assen-

tam quasi sempre os mais pertinazes violadores da lei, de harmonia com as auctoridades encarregadas da sua execução; a força desfigura-se com a mascara da liberdade e a honra vacilla entre a consciencia e o interesse!

No meio d'esta luta de sentimentos, os insultos pungentes echoam pelas naves do templo e vão confundir-se com o cantico sagrado, ainda ha pouco entoado pelo ministro do altar. Em face da Imagem do Senhor profanam-se os juramentos, promovem-se rixas, e muitas vezes o sangue derrama-se, entre uma praga sacrilega o um copo que se esvasia!

Eis o quadro grandioso que representa a politica da actualidade! É desta forma que o seculo se apresenta allegando os foros da civilisação e estigmatizando os antigos povos com o epitheto de ignorantes!! É baseado nestes factos que um sectario proeminente do progresso convoca as nações, sóbe á tribuna da imprensa e declara com a eloquencia do genio que—*O mundo marcha!*

Vertiginosa marcha!

Lamentavel progresso!

Desgraçada civilisação!

Para qualquer lado que se lance a vista encontrar-se-ha o lastimoso espectaculo da religião agonizando. O seu leito de morte estende-se até a cadeira de S. Pedro. Allí o tinido das armas vai acordar os echos silenciosos das abobadas do Vaticano. As portas do grandioso templo tem sido guardadas como as do carcere de um condemnado; e lá no alto do Solio Pontificio uma cabeça veneranda, cercada de uma aureola resplandecente, curva-se com a humildade do cordeiro perante os inimigos da fé, ao mesmo tempo que o báculo

estremece-lhe na mão e a tiara vacilla-lhe na cabeça!

É assim que o seculo assignala a sua passagem ás gerações futuras; é destruindo os livros santos que a philosophia moderna pretende provar a ignorancia dos antigos mestres e plantar falsas doutrinas no seio dos espiritos fracos e mal amadurecidos.

A natureza em peso se horrorisa d'esta aberração da humanidade.

A superficie do lago, que se enruga com o perpassar da briza, parece reconhecer nella o sôpro de Deus; a planta rasteira, que reverdece com o orvalho da noite, sente a bondade celeste nessas lagrimas piedosas, que se desprendem das nuvens; a palmeira dos bosques, que se precipita nos horrores da tempestade, curva-se ao poder dos elementos e admira a sublimidade da creação; e só a humanidade, do alto do seu pedestal de argila, tenta duvidar deste solemne e unanime testemunho da natureza!

Todavia, os templos celebram as scenas do Calvario; o orador sagrado assoma no alto da tribuna evangelica; o cantico dos hymnos se espalha em torrentes de harmonias; as nuvens de incenso se desenrolam no espaço em caprichosas fórmãs; os matizes das flores reverberam ao clarão dos cirios; o sacerdote eleva o calix com o sangue de Christo e proclama tres vezes Santo o Deus de Sabahot, e as vozes angelicas dos cantores da igreja entoam hosannas, no meio das alegrias do sagrado bronze.

Porém, o indifferentismo caracteriza a expectativa!

Olhai para esse montão de cabeças, que se agitam em roda dos altares; observai essas physionomias desfiguradas pelos prazeres da carne; vêde esses grupos ajoe-

lhados com mal disfarçada hypocrisia; penetrai nos corações desses entes corrompidos pela embriaguez dos vícios, e então vereis que aquellas scenas magestosas são por todos reputadas como um passatempo pueril, ou como um incentivo para a reproducção de novos sacrilegios !

A humanidade ajoelhada é uma antithese á religião do seculo.

O homem ajoelha e a intelligencia se preoccupa com um pensamento profano; a materia curva-se e o espirito selevanta sobranceiro, repellindo a acção do movimento !

Eis, em resumo, o quadro que todos os dias se observa no mundo catholico, e que a linguagem prostituida dos reformadores modernos intitula—*Religião do Estado*.

.....

No entanto, as gerações se succedem; os annos se multiplicam, e quando o ultimo grão de areia cahir na ampulheta do tempo, marcando a derradeira hora, a prophesia do grande cataclysmo universal será uma espantosa realidade aos olhos do mundo, e as trevas do abysmo completarão a cegueira do homem !

Então a luta será horrivel !

A humanidade desvairada correrá ás portas dos templos, mas ellas estarão obstruidas pelas ruinas das abobadas que se desabam; o homem disputará com as fêras os cumes das montanhas, e o embate das ondas cerceará a fralda escabrosa dos rochedos; na sua queda elle lançará mão dos ultimos ramos dessas arvores murtuosas, que se agitam na superficie das aguas, e o seu peso fará baquear esses gigantes silvestres, cujas garras se despregarão do seio da terra !



A voz da agonia será então o ultimo recurso do moribundo.

Sò, abandonado, entre a morte, que se aproxima e a vida, que se esvãe, a victima volverá os olhos para o Céu, e com um brado de desespero invocará o Eterno Pai; mas o écho dos abysmos repetirá somente — ai ! — e esse lugubre gemido, redomoinhando na amplidão do infinito, subirá até os ouvidos de Deus, para attestar a queda do ultimo homem no mundo !

Magestoso quadro:—

—Trévas e solidão !—

—Deus e a immensidade !!!

E os espectros surgirão do nada, lividos, descarnados, vacillantes !

O Omnipotente, cercado de resplendores, dominará essa assembléa sahida do sepulchro, e com a implacavel espada da Justiça Divina lançará nas chammaas eternas os inimigos da sua religião !

Ah ! então virá a luz da eternidade esclarecer a cegueira da descrença, e um arrependimento tardio não poupará a alma condemnada !

.....  
Confrontemos este futuro aterrador com o nosso abominavel presente, e havemos sem duvida recuar do tortuoso desvio, que temos tomado no caminho da vida.



# NÃO SÃO ERRATAS.

Até hoje tem sido impossivel, ou pelo menos difficil levar-se á effeito a publicação de uma obra, sem que esta seja acompanhada de algumas erratas, onde são corrigidos os enganos, que frequentemente se dão nas typographias, quer sejam devidos á pouca attenção dos revisores, quer á descuido dos paginadores.

Todavia, parece-me que, si agora não venci completamente essa difficuldade, muito consegui, expurgando a presente obra daquelles erros mais sensiveis, que não puderam escapar ao cuidado e zelo que empreguei, por occasião de sua impressão.

Muito concorreo para isto não só o bom pé em que se acha actualmente a TYPOGRAPHIA IMPERIAL do Snr. major Ignacio José Ferreira, como principalmente a pericia e aptidão do Snr. Marianno Neves, habilissimo typographo, á quem foi confiada a confecção deste trabalho.

Fazendo, pois, esta declaração, tenho em vista agradecer-lhe a boa vontade com que me coadjuvou, e recommendar ao publico tanto o estabelecimento do Snr. major Ferreira, como as habilitações artisticas do Snr. Marianno Neves.

# INDICE

|                               | Pag. |
|-------------------------------|------|
| DEDICATORIA.....              | 3    |
| À QUEM QUIZER LER.....        | 5    |
| DEUS.....                     | 11   |
| LEMBRAS-TE ?.....             | 25   |
| MINHA PATRIA.....             | 27   |
| A TEMPESTADE E A VIRGEM....   | 31   |
| ESCU TA !.....                | 35   |
| EU E ELLA.....                | 39   |
| A MOÇA D'ALDEIA.....          | 41   |
| O EMPREGADO PUBLICO.....      | 45   |
| N'UM ALBUM.....               | 49   |
| O ANNO NOVO.....              | 51   |
| O ARTISTA.....                | 57   |
| PROTESTO !.....               | 59   |
| NO PALCO.....                 | 63   |
| BELEM DO PARÁ.....            | 65   |
| À EULINA (recitativo).....    | 69   |
| NÃO CHORES !.....             | 71   |
| A PROSTITUTA.....             | 73   |
| O NOIVADO.....                | 77   |
| MISSIVA.....                  | 81   |
| QUEIXUMES.....                | 87   |
| VEM CÁ !.....                 | 89   |
| VERSOS Á COTINHA (recitativo) | 93   |
| COUSAS DE MINHA TERRA.....    | 95   |
| A CARIDADE.....               | 107  |
| O MUNDO DE PERFIL.....        | 111  |
| TODOS BEBEM (scena comica).   | 127  |
| A GUERRA.....                 | 135  |
| Á PROPOSITO DE TROP MANN...   | 141  |
| O DIA DE FINADOS.....         | 147  |
| A RELIGIÃO E O SECU LO.....   | 153  |
| NÃO SÃO ERRATAS.....          | 159  |

